

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

LARA OLIVEIRA VITORIA

**TEATRO E ISOLAMENTO:
UMA EXPERIÊNCIA *ONLINE* NO ENSINO FUNDAMENTAL**

PORTO ALEGRE

2022

LARA OLIVEIRA VITORIA

**TEATRO E ISOLAMENTO:
UMA EXPERIÊNCIA *ONLINE* NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como exigência parcial e obrigatória para obtenção do título de Licenciada em Teatro

Orientadora: Prof^ª. Dra. Silvia Balestreri Nunes

PORTO ALEGRE

2022

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, meu pai e as minhas três irmãs, por apoiarem incondicionalmente as minhas escolhas, pela base sólida e por serem o maior amor que existe no mundo. Independente dos caminhos, eu tenho sempre a quem voltar, e esse é o maior privilégio de todos.

Ao João Pedro da Cunha, por ser o meu lugar seguro.

À minha orientadora, Silvia Balestreri, pelo olhar sensível, atenção e paciência.

Ao William Molina, pela disponibilidade.

A todas as professoras e professores, que estão direta ou indiretamente neste trabalho, seja em forma de referência ou inspiração.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, junto ao Departamento de Arte Dramática, pela educação gratuita e de qualidade.

À arte, por me permitir ser inteira.

RESUMO

Este texto é uma análise teórica sobre a experiência empírica da própria autora durante sua prática de docência de teatro, de forma *online*, ao longo do isolamento social devido à pandemia de Covid-19. Essa experiência também passa pela transição do sistema *online* de ensino para o presencial, pegando essa fase do “pós-isolamento”, mas ainda com cuidados de distanciamento. Sendo assim, propõe-se a ser um recorte desse momento tão marcante de restrições sanitárias extremadas, principalmente para a educação no Brasil e, em específico, para as aulas de teatro.

Palavras-chave: Isolamento, *online*, educação, teatro, registro

ABSTRACT

This text is a theoretical analysis about an empiric experience of the author itself during the practices of theater teaching, online, during the social isolation caused by the pandemics of Covid-19. This experience although passes through the transition of the online sisteme of teaching to the presidential, catching the “post-isolation” phase, but still taking care of the detachment. Therefore, it proposes to be a clipping of this striking moment of extremely sanitary restrictions, mainly to Brazilian education and, especially, to theater classes.

Keywords: Isolation, online, education, theater, register

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 FRUSTRAÇÃO.....	12
3 EMPÍRICO.....	15
3.1 O PRIMEIRO MOMENTO.....	15
3.2 A ANTECIPAÇÃO.....	21
3.3 A PRÁTICA.....	24
4 PÓS OU O AGORA.....	32
5. ESCRITA COMO PROCESSO DE PESQUISA.....	34
6 CONCLUSÃO.....	37
7 REFERÊNCIAS.....	40
8 ANEXOS.....	43
8.1 Entrevista com William Fernandes Molina.....	43
8.2 Gráficos.....	56

*“...tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem
somos....”*

(José Saramago - Ensaio Sobre a Cegueira)

1 INTRODUÇÃO

Em março de 2020, o Brasil, junto com o resto do mundo, parou. Estava declarada a pandemia de COVID-19. As pessoas começaram a morrer aos montes com essa doença, que ainda não se entendia muito bem, mas se sabia que era altamente transmissível e nociva, principalmente, aos pulmões. Ainda com poucas informações para achar uma cura ou uma vacina, especialistas em infectologia diziam que o melhor a se fazer era ficar em casa. O isolamento social seria a melhor forma de tentar evitar as mortes, que estavam crescendo em níveis alarmantes¹.

É nesse contexto que eu, estudante de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), passo, o que se pensava ser apenas três semanas, os últimos dois anos da minha graduação. Muitas escolas adotaram modelos de ensino remoto através de plataformas de reunião online, dependendo da possibilidade dos discentes de cada instituição, fazendo atividades pela internet, entregando exercícios escritos na própria escola, entre outras formas. É claro que a educação de muitos estudantes, principalmente os marginalizados, foi muito afetada. Nem todos tiveram o privilégio do acesso a aparelhos eletrônicos ou à *internet* para acompanhar as aulas mesmo no isolamento².

Acompanhando esse cenário, comecei a ficar ansiosa para saber o que me esperava para o estágio que estava se aproximando. Nós, da Licenciatura em Teatro, temos que concluir dois estágios obrigatórios para nos formarmos, sendo um no ensino fundamental e outro no ensino médio. Porém, o calendário da UFRGS tinha mudado, devido à suspensão das aulas em 2020/1 de março à outubro de 2020, sendo que, quando as atividades retornaram, elas foram no formato ERE (Ensino Remoto Emergencial), com aulas disponíveis para a participação dos alunos de forma síncrona (reuniões através de plataformas online) ou assíncrona (através de atividades pela plataforma Moodle).

¹ No Anexo II, ao final desse documento, deixo dois gráficos que ilustram melhor a situação da pandemia no Brasil.

² “Um dos motivos apontados para esse prejuízo do aprendizado é a restrição de internet, que não está acessível a todos. Além disso, a falta de aula presencial pode elevar em 15% a desistência dos alunos. Sem falar na ausência da merenda escolar, por exemplo, que impacta 10 milhões de estudantes na América Latina, de acordo com o estudo.” (SANTOS, Jornal Opção, n.p, 2021.)

É nesse contexto que este trabalho se baseou. Me vi impossibilitada de fazer outra coisa a não ser registrar, nem que fosse um pequeno fragmento, o momento histórico pelo qual ainda estamos passando. A proposta foi analisar o efeito desse Brasil pandêmico no ensino de teatro. Claro que fazer isso numa dimensão na qual entrasse em pauta mais de uma escola e mais de uma turma, cada um com seus devidos contextos, não só regionais, já que estamos num país que atravessa um continente, mas sociais também, não seria possível no tempo exigido para a finalização deste trabalho. Por isso, usei a experiência que tive em uma das turmas de Ensino Fundamental II do Colégio de Aplicação da UFRGS, como se fosse um microorganismo, para espelhar alguns comportamentos e afetações de outros estudantes do Brasil. Por mais que seja pensado como um exemplo, as singularidades do Colégio de Aplicação também estarão vigentes no momento de análise do percurso dessa turma, que se deu durante e após o isolamento social, causado pela pandemia de Covid-19. O colégio de Aplicação da UFRGS é uma instituição pública considerada de excelência, e muito da forma como é organizada não reflete a realidade de outras escolas públicas no Brasil. Não disse isso para desvalidar a importância e competência das escolas públicas, mas acredito que exista sim um projeto de precarização das mesmas, ideia que vi num texto da Madalena Guasco Peixoto no jornal Carta Capital.³

Como esse trabalho se baseou em uma turma dentro do Colégio de Aplicação (CAp), sinto a necessidade de explicar melhor como funciona todo o contexto desta instituição, que tem um sistema um pouco diferente de escolas públicas estaduais e municipais. O CAp é um colégio ligado à formação de discentes da UFRGS, ou seja, ele funciona como um veículo para pesquisa e aplicação da prática de estagiários da área da licenciatura. Ele não existe apenas para isso, sendo, principalmente, um colégio dedicado à qualidade de ensino daquela comunidade, mas tendo em seus princípios cumprir um papel de pesquisa. Para detalhar melhor a estrutura do colégio, coloquei uma citação do Plano de Trabalho que produzi para o meu Estágio I, na UFRGS, em 2021/2, no qual expliquei um pouco de como funciona o CAp

³ Existe ainda um terceiro ponto, que visa a atacar e desmoralizar toda uma categoria. As saídas levantadas por alguns novamente recaem em uma só variável: a formação dos professores. Não é de hoje que professores são responsabilizados pelo suposto fracasso escolar de estudantes e instituições. Governos pagam bônus para docentes de escolas melhor avaliadas, em detrimento de outras; instituições com notas melhores têm mais chances de receber mais verbas. Nada disso leva em conta diversos fatores que a questão do desempenho. No entanto, culpar o magistério é eficaz se o objetivo for, por exemplo, desprofissionalizá-lo e precarizá-lo, justificando tanto a propagação de plataformas de formação docente apenas com metodologias de ensino simplificada e tecnicistas, com uma visão reducionista do processo pedagógico, quanto a contratação por “notório saber”, como previsto na reforma do Ensino Médio de Temer. Mostrar a educação brasileira pior do que ela é não se trata de um acaso dos números. É um projeto.(PEIXOTO, 2018, n.p.)

me baseando nas aulas síncronas que tive no estágio, as quais possibilitaram conversas com professores que nos passaram boa parte das informações sobre o colégio:

O Colégio de Aplicação (CAp) faz parte de instituições vinculadas a universidades federais, neste caso a UFRGS, cujo surgimento se deu através de um decreto em 1946, efetivado somente em 1954. É originalmente fruto da força de vontade de educadores da faculdade de filosofia, e por definição “unidades de educação básica que têm como finalidade desenvolver, de forma indissociável, atividades de ensino, pesquisa e extensão com foco nas inovações pedagógicas e na formação docente.” (Brasil, 2013), como citado no artigo *Os Colégios de Aplicação no sistema educacional brasileiro: contexto de criação e reverberações no ensino de Teatro* de William Fernandes Molina e Vera Lúcia Bertoni dos Santos, publicado em 2020 na Revista de Estudos em Artes Cênicas.

O colégio é separado através de departamentos por área pedagógica, que são:

DCEN – Departamento de Ciências Exatas e da Natureza. Compreende as áreas de Física, Matemática, Biologia, Química, Informática e Educação Especial;

DEPCOM – Departamento de Comunicação. Compreende as áreas de Língua Portuguesa e Literatura e de Línguas Estrangeiras e Literaturas;

DHUM – Departamento de Humanidades. Compreende as áreas de Anos Iniciais, História, Geografia, Sociologia, Educação Especial e Filosofia;

DEM – Departamento de Expressão e Movimento. Compreende as áreas de Educação Física, Artes Visuais, Teatro, Dança e Música;

Além das áreas, também é organizado em projetos de ensino, sendo eles::

- Unialfas - Projeto de ensino que atende os anos iniciais do ensino fundamental, especificamente do 1º ao 5º ano;
 - Amora - Projeto de ensino que atende os dois primeiros anos finais do ensino fundamental, especificamente o 6º e 7º ano;
 - Pixel - Projeto de ensino que atende os dois últimos anos do ensino fundamental, especificamente o 8º e 9º ano;
 - Ensino Médio em Rede - Projeto de ensino que atende os anos do ensino médio;
 - EJA - A Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS atende ensino fundamental e médio;
- (VITORIA, 2021, p.35 e 36)

Acredito que essa estrutura de pesquisa fez com que o colégio sempre procurasse formas de evoluir e acompanhar os discentes e suas particularidades, já que cada estagiário é uma pessoa que compõe características e contextos que mudam a comunidade escolar como um todo. As pesquisas permitem um olhar sempre renovado da prática que é aplicada na

instituição, concretizando esse movimento de inovação e, conseqüentemente, evoluindo.⁴ Sendo assim, a realidade do CAP se difere um pouco dessa situação de precarização, apesar de não estar 100% fora desse contexto, já que é sim uma escola pública no Brasil, que precisou de muito esforço, principalmente da comunidade docente, para ser o que é hoje. Por isso, apesar das suas singularidades, ele ainda funciona como exemplo para ver os padrões que se repetem com discentes em outras escolas.

Com isso em mente, utilizei os seguintes materiais para pesquisa: o relatório da minha própria experiência com a turma; uma entrevista com o meu supervisor e professor que acompanhou esta turma e muita sinceridade. Expliquei as referências empíricas usei, pois um trabalho como este é feito de muito referencial teórico, porém, sendo um registro de uma parte da história que ainda está acontecendo, acredito que a melhor forma de fazer jus à mesma, sem um bom distanciamento, é através do relato das experiências e suposições de quem está escrevendo o momento enquanto ele acontece. Muitas das coisas aqui colocadas podem servir de comparação do que achávamos que seria e do que realmente aconteceu, o que torna importante ressaltar que não foi meu intuito acertar as suposições aqui colocadas⁵

Levando isso em conta, o que me interessa nessa escrita é o registro empírico da reverberação do isolamento nos discentes e o movimento teórico que essa resposta comportamental possa me trazer. O importante aqui é a ação entre o que se sabia até agora, o que está se descobrindo na prática e o resultado da reflexão sobre essas duas coisas.

⁴ É importante ressaltar que esse ambiente que conhecemos como ideal se deu através de muita luta de diversos docentes que vem trabalhando incansavelmente para uma educação de tanta qualidade como a oferecida no CAP. Para um estudo mais completo dessa história, recomendo a leitura da tese *Docência e ensino de teatro no Colégio de Aplicação da UFRGS (1954-1996) : memórias emprestadas para uma narrativa sobre as bases de um projeto pedagógico* do professor William Fernandes Molina

⁵ A educação é sempre uma prática, uma ação, não é possível compreendê-la como algo estável. É uma ação social em vista de um fim. A educação é, também, um processo de teorização e de reflexão, envolve consciência de um conhecimento e de uma ação.(FONTOURA. 2022.)

2 FRUSTRAÇÃO

Como eu disse, esse foi um trabalho muito sincero, por isso não escondi os medos e frustrações que eu tive no meio do caminho. Tendo isso em mente, o primeiro impasse que as minhas frustrações me mostraram foi: como eu vou dar aula de teatro online, se eu estou odiando ter aula de teatro online? Assim como os adolescentes que iria conhecer, eu também estava tendo reuniões online das matérias que deveriam ser práticas. Inclusive, a maioria das aulas que teriam práticas docentes dentro de escolas foram, na verdade, através de debates e trabalhos escritos à distância. Além disso, tiveram matérias de montagem de cena nas quais acabei utilizando mais técnicas do audiovisual do que do teatro em si. Isso porque tive que ajustar ângulos, luz, edição de som para vídeo, e, muitas vezes, me autodirigir. Foi interessante num primeiro momento, afinal, todos estavam fazendo testes e descobrindo novas formas do que convencionamos chamar “teatro online”. O problema é que nem o termo em si faz sentido, já que o teatro é constantemente chamado de a arte da presença. Eugenio Barba comenta sobre essa presença, que ele chama de cinestesia, numa conferência feita em Brasília no ano de 2007. Ele diz o seguinte:

Quando a distância do ator e do espectador é mais de 9m, já sabemos que o sentido cinestésico não funciona. O que é o sentido cinestésico? O sentido cinestésico é a consciência que nós temos do nosso corpo. O sentido cinestésico é fundamental no teatro, porque graças a isso eu posso criar toda uma cena de expectativas no espectador que eu não cumpro (...) O espectador da primeira fila (de um palco italiano) vê o espetáculo completamente diferente do espectador da última fila (...) Como vou fazer com que o espectador na última fila, a 20m, vai receber a mesma quantidade de ‘riquezas’ sensoriais? É impossível. (BARBA. 2007)

No início, a melhor alternativa possível era o distanciamento social, e como não podíamos ficar parados, muitos da classe artística testaram espetáculos ao vivo, oficinas por plataformas como o *Zoom*, *Google Meet*, entre outras. Mesmo com internet podendo cair no meio da apresentação, sem resposta de quem estava do outro lado da câmera e, com certeza, muito mais de 9m de distância do público. Nós testamos jogos, ângulos, atuamos teatro para a câmera (se é que isso existe) e fizemos de quadradinhos de pixels palcos enormes. Confesso

que no início até fez algum sentido, mas depois de meses sem vacina⁶, sem resposta e sem esperança, as coisas começaram a perder a materialidade.

É necessário ficar claro que, apesar dessas frustrações, o Ensino Remoto Emergencial foi extremamente necessário. Eu nunca me opus a ter aulas online. Tenho ciência que a situação só nos deu essa alternativa. Inclusive, é justamente por isso que eu, e todas as professoras e professores que tiveram que se reinventar para as aulas online, sendo nas escolas ou nas universidades, “mataram no peito” essa etapa. O que eu não quero é romantizar essa reinvenção e esse momento de sufoco, o que não quer dizer que fiz desse espaço um texto de lamentações, mas é preciso entender que o contexto não favoreceu nem a minha posição como professora, muito menos como artista ou estudante. Isso está diretamente relacionado com como lidei com o estágio e com os impactos de entrar em contato com pré-adolescentes que também estavam em situação de isolamento. Se este momento, por mais que difícil, não tivesse me movido, eu não teria escrito exatamente sobre ele.

Para fins de contexto, é bom ressaltar que o meu estágio começou na segunda metade de 2021. Isso quer dizer que já estávamos um ano e meio em isolamento. Por outro lado, justamente durante o estágio, mais ou menos pelo meio do semestre de 2021/1⁷ da UFRGS, e logo depois dos planejamentos de plano de trabalho, a segunda dose da vacina já estava avançando em boa parte da população do Brasil. Já víamos outros países flexibilizando as restrições de isolamento, junto com as taxas de morte e infecção diminuindo. Seguindo a crescente de vacinados e as quedas das mortes, algumas apresentações de teatro presenciais estavam voltando, alguns encontros com familiares, ainda que com máscara, já eram mais possíveis, e a perspectiva de ter algumas ações do que a gente reconhecia como cotidiano antes da pandemia, estavam começando a tomar forma novamente. Este panorama é necessário porque o próprio sentimento de esperança se moldou durante o meu estágio, e isso fez com que a escrita do início e do final do relatório tenha sido de pessoas muito diferentes. Este é um reflexo que apareceu aqui, já que pretendia acompanhar a cronologia das coisas

⁶ A vacina chegou no Brasil no dia 17 de janeiro de 2021. Porém, todo o processo de vacinação, não só do Brasil, mas no mundo, foi muito lento. Principalmente em países de segundo e terceiro mundo, já que países ricos fizeram estoque de vacinas para que a sua população se vacinasse antes das outras, o que não adianta no combate de uma pandemia. Isso fez com que, mesmo com a vacina existindo, não se tinha vacina no braço para todos. Aqui está uma matéria da UNICAMP sobre a vacinação lenta no Brasil: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/luiz-carlos-dias/vacinacao-lenta-preocupa>

⁷ O **primeiro** semestre letivo de 2021 da UFRGS começou dia 02/08/2021 e foi até 04/12/2021. Já o **segundo** semestre letivo de 2021 ficou para 2022, começando no dia 17/01/2022 e indo até 18/05/2022. Normalmente o semestre começa em março, mas, devido ao atraso da retomada das aulas no início de 2020, o calendário acadêmico está bem diferente do habitual.

entre o antes, durante e “após” isolamento social. Assim sendo, atenciosos leitores, não se assustem com as múltiplas *personas* que podem ter aparecido escrevendo por aqui. Elas fizeram parte do meu processo de pesquisa, cuja metodologia consistia em vários pontos de vista possíveis, levando em conta qual espaço tempo eu estava quando eu fiz os registros que co-articulei enquanto escrevia.

3 EMPÍRICO

3.1 O PRIMEIRO MOMENTO

No dia 17/03/2022, fiz uma vídeo chamada com o professor William Fernandes Molina. Ele foi o meu supervisor de Estágio I no semestre anterior à escrita deste trabalho e acompanhou a turma com a qual eu tinha estagiado. Resolvi conversar com ele para ver um pouco de como eram e de como estavam os discentes depois do isolamento. Ele me contou que teve uma experiência como professor substituto nos anos de 2014 e 2015, mas que trabalhou como efetivo mesmo no ano de 2018. A partir daí, já faziam cinco anos que ele estava efetivo na escola. Molina também fez uma tese de doutorado sobre o colégio de Aplicação, chamada “*DOCÊNCIA E ENSINO DE TEATRO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS (1954-1996) Memórias emprestadas para uma narrativa sobre as bases de um projeto pedagógico*”, além de um artigo, junto com a professora da UFRGS Vera Bertoni, chamado “*Os Colégios de Aplicação no sistema educacional brasileiro: contexto de criação e reverberações no ensino de Teatro*”. Com a pesquisa, mais a experiência que tive de estagiar na turma na qual ele era supervisor, acredito que ele foi a melhor pessoa para me ajudar a contextualizar a cultura do teatro dentro do Aplicação, e assim, poder comparar o que mudou com a pandemia.

Molina começou contando que o projeto em que estagiei existe desde 1996 no Colégio de Aplicação, e que foi pensado na transição dos adolescentes do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, sendo organizado pelos professores e professoras como uma proposta interdisciplinar e de iniciação científica. Ele complementa: *O teatro está desde sempre no Aplicação. O projeto foi pensado com a representação de todos os componentes curriculares, senão todos, pelo menos de todos os departamentos que compõem a escola, que são: Departamento de Expressão e Movimento; Departamento de Comunicação de Ciências Exatas e Ciências da Natureza.*⁸ (MOLINA, William. 2022. p.2).

Ele também contextualizou como funcionam os períodos de teatro no CAPs: *Teatro, no projeto Amora, tem um período e meio em cada turma. É cerca de 1h10min de aula de teatro*

⁸ Como entrevista apareceria muitas vezes durante o texto, para não quebrar o fluxo, mas também diferenciar o que é entrevista e o que não é, e também para separá-la de outros referenciais teóricos, decidi colocar sempre em itálico. Também está adicionada nos anexos e como referencial teórico.

para cada turma, para teatro, música e artes visuais. No projeto Amora as turmas são divididas em dois grupos, que ficam, mais ou menos, de 15 estudantes. Esses 15 estudantes têm 1h10min de aula de teatro por semana (...) Os componentes que trabalham com turmas divididas no projeto Amora são artes visuais, música, teatro, literatura e língua portuguesa. Então dá para fazer esses encaixes. Metade da turma tá na aula de teatro: enquanto uma turma tá em artes visuais, a outra tem teatro e outra em música ou em português. (...) O teatro é oferecido desde o segundo ano do ensino fundamental de forma obrigatória para todos os estudantes até o 9º ano do Ensino Fundamental. A partir do ensino médio é que eles escolhem a linguagem que eles vão fazer. (MOLINA. 2022. p.2 e 3)

Aqui já aproveitei para fazer um breve apanhado histórico da construção dessa cultura no CAP em comparação a perspectiva curricular em outras escolas públicas. Muitas vezes as escolas não têm tanta variedade curricular. Agora, por exemplo, com a reforma do Ensino Médio, isso foi se estreitando ainda mais. Resolvi trazer para junto desta menção de Molina a fala da Profa.Dra. Mariângela Silveira Bairros (FACED – UFRGS) numa *live* produzida pelo canal do PIBID UFRGS no youtube.

Que empreendedorismo é esse que joga sobre jovens essa responsabilidade? É um paradoxo, porque na formação foi falado sobre a importância, também das disciplinas de sociologia, filosofia... mas foram retiradas da grade. (...) A grade curricular apresentada para os professores de linguagens e tecnologias, têm língua portuguesa, arte, educação física e língua inglesa, sendo que no 2º ano do ensino médio não tem artes, não tem educação física e não tem inglês. Essa grade foi divulgada. (...) Nós não temos só uma aligeiramento da formação, mas um reducionismo da formação, ao invés de falarmos de uma formação ampla desses alunos, com um maior número de possibilidades. (BAIRROS, 2022, n.p.)

Já no Colégio de Aplicação, essa cultura é reforçada pela própria estrutura de professores de teatro disponíveis para trabalhar e discutir juntos o currículo de teatro dos discentes.

O Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp/UFRGS), campo empírico da pesquisa que impulsiona o estudo aqui apresentado, por exemplo, desde a sua criação, no ano de 1954, caracteriza-se por possuir, nos seus sucessivos quadros docentes, professores com habilitação específica em Teatro, responsáveis por lecionar e difundir a disciplina como componente curricular, o que, ao longo dos anos, possibilitou a consolidação de uma tradição do ensino de Teatro na instituição escolar.

Na história da escola, destaca-se a atuação da professora Olga Reverbel, expoente da área e figura reconhecida nacionalmente por suas contribuições ao movimento Teatro e Educação, do qual é considerada uma das protagonistas, ao abordar, em sua prática e em suas produções teóricas, as relações entre essas duas áreas do conhecimento (Enciclopédia Itaú Cultural, 2019). Reverbel foi a primeira professora de Teatro do CAp/UFRGS e, ao seu modo, estabeleceu os princípios e métodos para o ensino de Teatro no colégio. (MOLINA; SANTOS, 2020, p.21)

Diferentemente do comum nas escolas públicas do Brasil, no CAp essa valorização da parte artística do currículo é uma característica com peso histórico, ou seja, algo que não foi construído do dia para a noite. Na tese de doutorado de Molina ele coloca um capítulo intitulado “A Era Reverbel”. Nesse momento da tese ele faz um panorama histórico da passagem da professora Olga Garcia Reverbel (1917-2008) e o quanto a sua trajetória, não somente pela escola, mas pela UFRGS também, foi fundamental para a educação de teatro no sul do país.

Recapitular a trajetória de Reverbel foi de fundamental importância à pesquisa porque a professora foi pioneira no que diz respeito à inserção do ensino de teatro no ambiente escolar em instituições do sul do país. Sua Era, portanto, não se inicia com a chegada ao CAp, mas é muito anterior. (...) As concepções pedagógicas de Reverbel, por conseguinte, fizeram parte da formação acadêmica de profissionais que, assim como ela, protagonizaram o ensino de teatro no colégio da UFRGS.(MOLINA, 2021, p.230 e 231)

A professora Reverbel esteve no Colégio de Aplicação entre os anos de 1973 e 1989. A sua trajetória foi tão marcante que os professores do CAp, os quais o William entrevistou para a tese, ainda comentam sobre a presença da professora até os dias de hoje. Isso aponta o quanto a construção dessa cultura do Aplicação é algo que vem de longa data. Enfatizo a professora Olga Reverbel por ela ser uma referência na minha área, mas também posso comentar que a fama de “colégio de excelência” do CAp têm sim seu peso histórico.

Ao longo da sua história, os CAPs vem sendo pensados e estruturados como instituições destinadas à formação de professores e ao desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras: inicialmente estabelecidos junto às Faculdades de Filosofia, serviram à prática profissional de estudantes das diferentes Licenciaturas para, com o passar dos anos, dedicarem-se ao ensino, pesquisa e extensão. Sua criação, motivada pelos ideais escolanovistas de educação, faz com que se constituam, e ainda se mantenham, como espaços privilegiados para a experimentação de novas metodologias de ensino. Ou seja, em que pese a crescente aceleração do processo de liberalização da economia e, mais recentemente, o investimento maciço do atual governo na privatização do estado e no desmonte das instituições públicas, em especial, da Universidade, que vem sendo ameaçada, inclusive na sua autonomia, a estrutura dos CAPs ainda pode ser considerada privilegiada em diversos aspectos. Muitas dessas escolas dispõem de um corpo docente compatível com as necessidades educacionais a que se propõe, em qualidade e quantidade, e contam com espaços físicos e condições estruturais adequadas ao trabalho pedagógico em diferentes áreas do conhecimento, o que se reflete nos discursos e práticas “de ponta” que nelas se desenvolvem.” (MOLINA; SANTOS, 2020, p.20 e 21)

Esse breve percorrer histórico que fiz agora é importante para contextualizar qual o nicho em que a minha análise está inserida. Eu já tinha comentado anteriormente sobre o CAP ser um colégio que foge do padrão, mas colocar a carga histórica em cima dessa fala, faz com que a imagem do que eu estou querendo dizer com “fora do padrão” fique um pouco mais clara. Assim, é fácil de entender que, apesar dos dados colocados sobre a grande falta de acesso que os discentes brasileiros tiveram durante a pandemia, no Colégio de Aplicação as coisas foram um pouco diferentes.

Na conversa com o William, ele me contou que, até por ser vinculado à UFRGS, o CAPs se encaixou num auxílio oferecido pela universidade, para arrecadação de aparelhos eletrônicos para aqueles alunos que não tivessem acesso. Além do mais, a própria escola conta com um setor de serviço social, o que facilitou a distribuição desses aparelhos. Junto a isso, uma das professoras também organizou uma ação de arrecadação de aparelhos, inclusive usados, para a venda e reutilização. Molina comenta: *. Depois até a UFRGS um auxílio , né? Que daí o Colégio de Aplicação foi contemplado. O Colégio de Aplicação pode receber esse auxílio também, mas no começo, além dos e-mails, ele dava atividades. (...) Quem encabeçou essa arrecadação foi a professora Clevi, que atualmente está aposentada. Ela era professora de cultura digital, e ela tem um projeto que lida com tecnologias. Daí ela que fez essa organização de arrecadação, tanto de equipamentos sem uso, no caso que não funcionava, sei lá, um teclado de computador que não funciona mais, mas ela tava arrecadando para fazer a venda dessas peças para lugares que comprassem essas peças, e com o dinheiro que estava sendo revertido dessa venda, ela poderia investir em equipamentos como computador, webcam, microfone...para fornecer aos estudantes que não tinham. Aí, a escola conta com um setor de serviço social, que consegue fazer esse mapeamento das famílias que tão precisando desse auxílio. Foi esse setor, junto da professora Clevi, e de outros profissionais da escola, que iam até as casas dos alunos do ensino regular e da EJA também, iam até a casa dos alunos para fazer a entrega dos equipamentos.*(MOLINA, 2022, p.3 e 4)

Assim como a maioria de nós, inclusive a UFRGS na primeira semana de paralisação, acreditava-se que o isolamento duraria apenas algumas semanas, mas segundo o relato de Molina, logo após a primeira semana parados, a escola já se organizou com atividades que eram enviadas via email, de forma a continuar o ano letivo. Isso trouxe um excesso de mensagens nas caixas de email, além de outros problemas, como a falta de acesso para aquelas famílias que não conseguiam se comunicar pela ausência de aparelhos ou internet. O

CAPs até tentou driblar isso, disponibilizando os exercícios no formato impresso e disponibilizando-os para a coleta e entrega uma vez por semana. Essa situação acabou se alongando até o final de 2020.

Com a vinda da discussão sobre a volta das aulas presenciais, William conta que teve toda uma preparação do CAPs para poder atender aos discentes nesse novo formato. O próprio Moodle, plataforma online para exercícios e atividades já utilizada nas aulas na UFRGS, seria utilizado como meio de avaliação e acompanhamento dos alunos. Essa ferramenta já ficava disponível para os professores, mas ficou como obrigatória para as aulas online. Inclusive os professores tiveram que aprender a utilizar o Moodle, já que, segundo ele, era uma plataforma que estava disponível, mas que o único contato tinha sido na faculdade, e apenas para acessar textos, e não como uma ferramenta interativa. Além dessa preparação tecnológica, ele conta também como foi a organização das professoras de teatro para se prepararem para as aulas online: *Sim, acho que antes de falar da primeira experiência eu vou falar dos grupos de professoras de teatro do CAP, que são seis professoras, cinco professoras e eu, que a gente viu “Poxa, vamos começar a dar aula online, com câmera...como é que se faz isso?”. A gente saiu em busca de colegas na área que já estavam atuando desse modo desde 2020, porque não só as escolas, mas tudo parou, então alguns profissionais, algumas professoras, seguiram e conseguiram até se ajustar ao formato remoto de aulas antes da gente. A gente, no caso, os colegas, eu tava terminando o doutorado. Eram laudas, era uma lauda, uma página de atividades escrita por semana na área, e era isso. Essa era a aula de teatro. Era adaptar para um texto; convidar para fazer alguma proposta; algum registro e depois mandar por email, mas não acontecia nada de forma síncrona, não tinha essa possibilidade. Então antes de começarem as aulas (síncronas), a gente - eu acho que quem fez contato foi a Mônica - a gente entrou em contato com Pequenices⁹, projeto Pequenices, que é da Fernanda Boff, se eu não me engano, a Guadalupe Casal também, e tem outros dois professores/educadores (Gabriel Martins e Ana Carolina). Esse projeto já tava acontecendo de forma online e eles estavam oferecendo formações para professores que quisessem entender um pouco mais esse universo de dar aula remotamente, e a gente fez uma oficina com o Pequenices, uma oficina de dois dias, foi num final de semana, se eu não me engano, um sábado e domingo, a gente fez dois turnos completos...foram três dias, eu acho, duas*

⁹ “Desenvolvido desde 2016, a partir do Prêmio FUNARTE de Dança Klauss Vianna, o projeto “Pequenices” dedica-se a pensar o protagonismo das crianças em processos artísticos e pedagógicos. No início, explorando exclusivamente a área da dança, pôde construir sua pequena estrutura para, logo em seguida, se aventurar pelas áreas do circo, do teatro e da cultura popular brasileira.” NOSSA HISTÓRIA. Pequenices: arte e educação. Disponível em: <https://www.pequenices.com/sobre>. Acesso em: 24/03/2022.

taradinhas e uma manhã. Nessa oficina elas compartilharam com a gente alguns jogos, algumas atividades que elas estavam fazendo nos cursos- é uma escola privada. Então, munido dessa experiência prática, foi importante ter essa experiência prática de eu fazer a aula; olhando para o computador e a câmera; recebendo as instruções; experimentando essas adaptações; os jogos...elas trouxeram muito isso: jogos ou brincadeiras, como elas poderiam ser adaptadas para esse formato remoto. E foi com esse pensamento que eu comecei as aulas: como que os jogos podem ser adaptados. (MOLINA, 2022, p.6 e 7)

Foi ótimo descobrir que as professoras de teatro se organizaram para ter uma preparação antes das aulas *online*. Apesar de não ter partido diretamente do CAP, entender que o grupo docente tem essa autonomia de tomar as suas próprias decisões a partir do seu contexto de alunos e da metodologia da sua matéria, me faz pensar o quanto esse colégio trabalha o conceito de gestão democrática na escola pública. Aqui eu vou abrir um parêntese para explicar brevemente esse conceito que considero tão importante, e o qual também nos auxilia a enxergar o CAP como um colégio referência: Pode parecer meio óbvio esse termo, já que, teoricamente, vivemos num país democrático, mas a verdade é que não adianta ser democrático sem prática. Por exemplo, uma escola pública pode ter eleições não democráticas, sendo a/o diretora(o) escolhida(o) a partir de uma indicação de um governante público superior. Um exemplo de uma instituição pública que seguiu esse modelo foi a própria UFRGS, que em 2020 teve o reitor menos votado assumindo o cargo por nomeação do atual presidente da república, ação que está correta perante a lei de um país tão “democrático” como é o Brasil.

Carlos André Bulhões assumiu a Reitoria da UFRGS em setembro de 2020, sob protestos da comunidade acadêmica. Isso porque o reitor, nomeado pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido) para a gestão 2020/2024, foi o menos votado pela comunidade acadêmica entre as três chapas que concorriam em consulta pública e em votação interna do Conselho Universitário. De acordo com a lei, o presidente tem a prerrogativa de escolher qualquer nome da lista tríplice. O acontecimento reacendeu o debate sobre democracia e a autonomia das instituições federais de ensino, além de gerar uma série de dúvidas sobre o processo de nomeação e o peso dos votos da comunidade universitária.(HUMANISTA. 2021.)

Dessa forma, existe todo um conceito sobre o que seria uma gestão democrática, a qual engloba a eleição da diretoria, uma comunidade ativa na tomada de decisões, autonomia, recursos sustentados pelo governo, acessibilidade, entre outros. Só assim teremos uma educação de qualidade e para todos (Brasil, 1988, Art.205) de forma efetiva

A gestão democrática, no sentido lato, pode ser entendida como espaço de participação, de descentralização do poder e de exercício de cidadania. Nesse

sentido, reafirmamos a necessidade de instituir processos de efetiva participação política: a gratuidade do ensino; a universalização da educação básica e superior; o planejamento e a coordenação descentralizados dos processos de decisão e de execução; o fortalecimento das unidades escolares por meio da efetivação da sua autonomia; a articulação entre os diferentes níveis de ensino; a definição coletiva de diretrizes gerais para a educação nacional; a exigência de planos de carreira para o magistério público; a vinculação de verbas para a educação; a democratização das formas de acesso, permanência e gestão. (OLIVEIRA; MORAES; BORILO, 2017, p.11)

Esse tipo de gestão cria um ambiente no qual estagiários como o William Molina, que estagiou no CAP antes de se formar e se tornar professor efetivo, queiram retornar a esse ambiente de trabalho, além de se tornar referência. Isso me leva a perceber que tem algo muito interessante nas falas de Molina, que eu vejo em poucas falas quando o assunto é pandemia. Ele dá muita ênfase às soluções e não aos problemas. Quando indago sobre dificuldades, ele me responde quais foram, mas logo introduz algo que tenha florescido de bom junto disso. Me faz lembrar um pouco de um trecho do livro “Fernanda Montenegro. Prólogo, ato, epílogo”, que é uma biografia dela escrita em colaboração de Marta Góes, no qual ela diz “Sobrevivemos pela força da vida mesma. A esperança precisa deixar de ser só votiva. A esperança tem que ser uma ação viva. Foi isso que os meus imigrantes me ensinaram. Fé numa nova terra.” (MONTENEGRO, 2019, p.265).

É difícil para mim pensar que essa terra, cheia de praga, tenha realmente dado frutos, mas de certa forma, é fácil pensar que eu posso estar errada. Não escrevo esse trecho para romantizar ou, até mesmo, aliviar um pouco das lamúrias que foi o início desse processo de escrita. É apenas uma observação “de meio do caminho”. A pesquisa aqui colocada não é estática. Ela não é uma verdade estabelecida antes da prática do registro. Ela nem se quer é a mesma coisa que era algumas páginas atrás. Se a escrita é uma prática do pensar, e pensar é um verbo, ou seja, é movimento, então como poderia eu, simplesmente, cavar nas minhas referências teóricas apenas o que me afirma? Isso me parece mais a afirmação de um ego do que a construção de uma ideia, e por mais que muitas pesquisas acadêmicas se coloquem neste lugar de afirmar a si mesmo ao invés de se deslocar daquilo que já se sabe para um outro lugar, eu me proponho, como já dito antes, o movimento, mesmo que eu tenha que dizer que eu já não sou mais a verdade que afirmei com veemência à apenas algumas páginas atrás.

3.2 A ANTECIPAÇÃO

O meu estágio ocorreu no final do ano de 2021, depois de mais de um ano de isolamento social¹⁰. Eu fui orientada pela professora Taís Ferreira, a qual nos direcionou com textos e rodas de conversa, através de encontros síncronos, antes e durante a parte prática da cadeira. O primeiro estágio de licenciatura em teatro da UFRGS se dá com discentes do ensino fundamental II para baixo, e normalmente os estagiários podem se dividir em diferentes escolas, mas com a questão do isolamento social e toda a mudança de cronograma atrasado da UFRGS, foi decidido que todos fariam seus estágios no Colégio de Aplicação. A professora Taís nos passou as turmas disponíveis para as receber estagiários, sendo que, dependendo do projeto¹¹ no qual a turma estivesse inserida, os horários e dinâmicas eram diferentes. Eu escolhi ficar com a turma de Ensino Fundamental I, pela idade dos discentes e pelo estilo do programa, cujo cronograma era com aulas síncronas semanais e com um período de teatro por semana. Com isso eu poderia ter uma quantidade boa de aulas com eles, dadas as circunstâncias, e assim, criar certo vínculo com o grupo. Outros dois colegas de estágio escolheram a mesma turma que eu, então nós fizemos uma docência compartilhada dessa experiência, conceito que só foi aparecer de forma consciente na escrita do meu relatório, e que acabou se dando de forma orgânica entre nós.

Por isso, apresentamos a ideia da docência compartilhada que consiste em mais de um professor na sala de aula para promover a ação educativa. A docência compartilhada surge como uma possibilidade de ser afetado, de tomar parte e participar com o outro profissional de uma formação conjunta que confere uma qualidade de docente ao ato de educar. Portanto, o compartilhamento da docência se dará na partilha, de forma cooperativa e solidária. (HOCHNALDE; CONTE. 2019, p.84)

A docência compartilhada foi apenas um dos bons acontecimentos dessa experiência. Por via da necessidade, nós fomos, de aula em aula, descobrindo as possibilidades de trabalho com a turma, assim como Molina citou anteriormente “E foi com esse pensamento que eu comecei as aulas: como que os jogos podem ser adaptados.” (MOLINA.2022.). Inclusive, o William foi nosso supervisor com a turma, e nos direcionou como as atividades e o cronograma, separando duas aulas de observação e dez aulas de protagonistas. Falando assim parece que estava tudo muito bem resolvido e preparado para darmos as aulas, mas a verdade

¹⁰ O isolamento social começou dia 14 de março de 2020 oficialmente aqui na região metropolitana de Porto Alegre. Foi nesse dia que as atividades na UFRGS foram suspensas temporariamente, mas as aulas só foram retornar no dia 19 de outubro de 2020 já no formato ERE (Ensino Remoto Emergencial). Isso fez com que os semestres atrasassem e acabasse acontecendo o segundo semestre de 2021 e 2022. O calendário acadêmico está em anexo.

¹¹ Os projetos estão especificados em uma citação na página 11 e 12 deste documento.

é que eu e os outros dois colegas estávamos um pouco angustiados com a chegada das práticas online. Eu mostro um pouco disso no meu relatório, quando eu coloco o seguinte:

Logo menos começamos a preparar o Plano de Trabalho e os Planos de aula e, honestamente, foi um início assustador. Pensar que a gente estuda para dar aula de teatro justamente porque somos muito apaixonados por isso, e que o que nos deu medo foi a falta de experiência, é uma coisa (o que também seria mentira, já que nós três já vínhamos praticando a docência em diferentes níveis), mas a verdade é que teríamos de convencer os alunos a aproveitar algo cujo nosso desgosto é enorme, que é o que chamamos de “teatro” online, é um desafio ainda maior. Quero deixar claro que eu entendo e apoio o Ensino Remoto Emergencial enquanto ele se faz necessário para a saúde pública, mas eu não tenho como não comentar o quanto perdemos com a falta da presença. É claro que o tempo nos adaptou a isso, mas é fácil compreender que é muito mais orgânico encantar o outro com algo que te encanta, e o teatro online não é uma dessas coisas. Até mesmo nos textos teóricos que tivemos acesso, todos são textos que nem cogitam o online, pela época claro, mas também pela forte característica do teatro: a arte da presença. É necessário entender essa dificuldade porque ela se mostra em certos exercícios, principalmente porque ainda estamos descobrindo, enquanto fazemos, como exatamente isso funciona e o quanto das teorias se aplicam na prática.

Talvez, colocando num panorama e retomando o que foi usado de base para as aulas, eu consiga dizer melhor o que muda e o que fica do teórico e do empírico no teatro online, e muito provavelmente essas diferenças mudem também o meu conceito de presença, mas isso eu só vou descobrir no final deste documento.(VITORIA, 2021, p.4)

Eu não descobri no final do documento. Inclusive, depois do estágio, o que tenho são mais e mais perguntas para serem debatidas. A diferença é que antes eu estava pensando onde a teoria teatral e a prática se distanciam ou se aproximam quando as aulas são de forma remota. E a verdade é que muitas coisas ficam parecidas e a gente só se reinventa. Um exemplo disso é o jogo Elefante Colorido que o William traz como exemplo na fala dele, que foi algo que se fez mais possível no online justamente por estarmos em casa e ter mais opções de objetos: *Nessa primeira aula, eu lembro de ter feito o jogo que foi o elefante colorido, que depois eles amaram para todo o resto do ano, que foi um jogo que a gente experimentou na oficina do Pequenices, que funciona muito em casa, porque tem uma possibilidade enorme de objetos; elementos; cores e coisas que tem em casa, e voltando ao presencial eu penso “Bah, o elefante colorido não é mais aquele elefante colorido do remoto, que dava para pedir qualquer coisa. Se for fazer um elefante colorido agora, ele vai ser de outro jeito” até “Como era o elefante colorido antes de ser visto pela câmera? Pelo Google meet?”* (MOLINA, 2022, p.7 e 8). Nesse trecho consigo perceber que talvez eu tenha me equivocado em um conceito usado até então: a presença. O que eu vim chamando de presença é essa ideia de compartilhar o mesmo espaço físico no mesmo momento que outra(s) pessoa(s). Essa ideia vem, provavelmente, da imagem de palco e platéia que se desenha fortemente na lembrança dessa estudante de teatro que vos escreve. Porém, revisitando esse último relato citado de

Molina, me pego questionando algo que a minha orientadora comentou nesse documento durante a escrita deste trabalho. Eu não sei exatamente até que ponto a academia “aceita” referências empíricas, ou seja, que partam da minha experiência cotidiana e não de uma publicação de artigo, livro, tese...mas na pesquisa deste trabalho, a minha orientadora acabou entrando em processo comigo, e as nossas trocas foram tão influentes para a construção dessa escrita, que eu preciso usar uma fala dela como referência “Citação muito pertinente, embora eu tenha experimentado algumas vezes uma proximidade quase alucinatória (sentido no corpo) no virtual” (BALESTRERI, 2022). Ela me escreveu isso quando eu citei a entrevista de Eugênio Barba, logo acima, e a verdade é que eu me senti imensamente contemplada pela colocação dela. Em alguns momentos eu pude sentir como se estivéssemos realmente perto uns dos outros, tanto em ensaios quanto nas aulas de estágio. Algo tão real para o corpo, porém tão incompleto, que quando me dava conta que na verdade estávamos isolados, cada um em seus quadrados, eu sentia quase uma tristeza nostálgica. Por isso definir qual imagem eu estava sugerindo quando mencionei a palavra presença, não querendo limitar as experiências de presença que possamos ter tido durante esse processo pandêmico, e muito menos quaisquer outras formas de presença que possam existir, mas aqui, quando eu falo de presença, é sobre algo que sentimos falta, algo que foi tirado de nós, algo que podíamos sentir, mas não podíamos tocar.

3.3 A PRÁTICA

Como teríamos doze encontros com a turma do estágio, sendo que dois seriam de observação e um de finalização, eu, o Lucas Pires e o Guilherme Mallman decidimos dividir três aulas para cada um. Isso não significaria que nós não participaríamos das outras aulas, mas seriam três preparações de aula por estagiário. A dinâmica funcionava da seguinte forma: nos encontrávamos na sexta-feira para combinarmos a próxima aula e para fazermos observações da aula que passou, e na quarta-feira, pela manhã, nós abríamos a sala um pouco mais cedo para combinar detalhes e esperar a turma. Dessa forma, toda sexta-feira nós ajudávamos o colega que estava fazendo o plano de aula¹² daquela semana, e víamos quais materiais seriam necessários para a prática planejada. Isso foi ótimo porque dava tempo de gravarmos vídeos, áudios, escrever roteiros, e produzir materiais didáticos para usar em aulas.

¹² O Plano de Aula é o documento que registra todo o planejamento da aula que será dada. Ele contém qual seriam os objetivos, a metodologia, as referências daquela matéria, noções a serem trabalhadas.

A ideia nem era fazer materiais tão elaborados, mas as propostas acabaram tomando uma dimensão muito maior dentro da turma, e acabamos tendo que entrar no jogo com os discentes.

Tudo começou com o Lucas Pires, já que ele daria as três primeiras aulas. Nós nos separamos por nichos de interesse e experiência, então o Lucas trabalhou contação e criação de história, eu trabalhei criação de personagem e o Guilherme ficou com preparação corporal. Isso já tinha sido pensado bem antes das aulas, para podermos fazer o nosso plano de trabalho¹³, que precisa ser aprovado pelo orientador e pelo supervisor antes de ser aplicado. Com tudo isso pronto, na primeira aula do Lucas ele trouxe direto um exercício chamado “Um objeto, a primeira letra do meu nome”, que funciona tipo um Elefante Colorido¹⁴, mas com letras do alfabeto. O que anotamos e discutimos depois das observações é que esses jogos de mostrar um objeto funcionavam muito com a turma. Apesar de tímidos ao ligar a câmera, se fosse para mostrar rapidinho para poder entrar no jogo de alguma forma, eles faziam. Inclusive, essa timidez da câmera me lembrou muito a timidez do presencial. É meio difícil comparar os dois, até porque sem a câmera eu não sei dizer, olhando para a linguagem corporal dos discentes, se é timidez mesmo, ou se não é descaso, preguiça, irritação...mas o que se assemelha ao presencial é que, quando temos alguns da turma que participam mais ativamente, através da observação, eles puxam os outros. Em alguns casos, no presencial, essa participação pode ser tão intensa que afasta os demais, mas no *online*, por causa da questão de cada um já estar em seu quadrado, muitas vezes observar a participação e o contentamento que o jogo traz para quem nele está, instiga mais do que afasta. Nas minhas aulas de estágio, aconteceu de a vontade de participar ser tanta, que a aluna ligava o microfone, falava alguma coisa rápida, e depois fechava, rapidinho. Com o tempo, ela começou a deixar o microfone ligado e a ir falando várias vezes, sem ser mais tão rápido, até que, em um exercício no qual vários estavam participando, vários por áudio e uns cinco por vídeo, essa mesma aluna chegou a ligar a câmera por mais tempo. Não teve uma rotina dela já chegar na aula com a câmera ligada, o que um grupo específico até fazia, mas teve esse desejo tão forte de ser presente, que ela parece ter sido empurrada pela vontade de estar. Como diz Paulo Freire “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo

¹³ Muito parecido com o Plano de Aula, mas contém o planejamento do semestre. Então ele também vem com quais objetivos, metodologias, referências e noções serão trabalhadas, mas com uma perspectiva de longo prazo, contendo inclusive o cronograma de cada aula.

¹⁴ Elefante Colorido é uma brincadeira popular que funciona com as seguintes regras: o proponente fala “Elefante colorido” e os participantes respondem “Que cor?”, quando o proponente fala a cor, os participantes devem buscar um objeto que contenha aquela cor que ele escolheu.

que fazemos.” (FREIRE, p. 33), e se tem uma coisa que eu aprendi pelo exemplo, foi me colocar no lugar dos discentes. Não foi fácil participar dos exercícios propostos pelos colegas, eu também sentia uma timidez estranha, e até comentei isso em um dos encontros registrados no relatório:

O Guilherme fez algumas intervenções, por causa de movimentos que faltaram, e também adicionou sugestões, como fechar os olhos e buscar o animal deles para trazer um pouco mais de tônus, já que muitos deles estavam meio envergonhados de serem observados pela turma. Até eu fiz a sequência com o meu animal regente, a raposa, e confesso que também fiquei meio encabulada. Acredito que esse constrangimento venha desse lugar de você se enxergar sozinha no seu próprio quarto apenas sendo observada, sem nenhuma interação mínima de energia da presença ou até mesmo verborrágica. (VITORIA, 2021, p.17)

Outra particularidade que o *online* trouxe, foi um assunto trazido em uma das reuniões com o supervisor pelo Lucas Pires dos Santos (Luno), que compartilhou a docência comigo, em uma das reuniões com o supervisor. Ele comentou que em outra experiência docente que ele teve durante o isolamento, um tema que apareceu foi o *bullying online*. Disse ele que esse comportamento se caracterizava principalmente pelos *prints* dos colegas durante as aulas *online*, e que esse *prints* viravam *posts* em redes sociais e até mesmo figurinhas no Whatsapp.

Com o nervosismo da primeira aula, falamos sobre a dificuldade de manter o ‘foco’ da atividade, apesar de isso não ter atrapalhado as contações, mas também comentamos que é uma questão de tempo para pegar essa confiança com a turma, que inclusive é algo que eles mesmos ainda têm que ganhar com os novos docentes, já que estavam acostumados com o William, e isso fez com que a atividade do alongamento não fosse bem aceita plenamente, o que também trouxe uma questão que o Luno presenciou em outra experiência remota com adolescentes, que foi o *bullying online*, inclusive por ter sido comentado em aula por um dos discentes de tirar print de um objeto de outro colega, que era uma foto mais antiga. Esse momento foi muito bem conduzido pelo Luno, que falou sobre ‘criar um ambiente seguro e só nosso’ para a turma, algo que seria muito importante, já que nesse momento de “estabelecer um ambiente no qual o intuitivo possa emergir e a experiência se realizar: para que então o professor e o aluno possam iniciar juntos uma experiência criativa e inspirador’. (VITORIA, 2021, p.7)

Com isso em mente, nos esforçamos para que, quando pedíssemos para ligarem as câmeras, fosse sempre reforçando que era para aqueles que se sentissem confortáveis e lembrando que não eram permitidos prints, a não ser que fossem para registros ao final dos encontros e com a autorização dos colegas. Mesmo assim, tínhamos um grupo de cinco/seis discentes que costumavam acompanhar as aulas com a câmera aberta, e outros esporádicos que apareciam dependendo do exercício.

Apesar de parecer pouco, os discentes tinham um bom engajamento com a aula. Muitos deles faziam as atividades propostas, de manter um diário da aula, fazer um registro da

brincadeira pelo Moodle...Claro que havia aqueles que nunca acessaram a plataforma ou tinham pouca participação, mas em geral eles eram bem participativos. Inclusive, na sequência das aulas do Lucas, eles começaram a criar todo um universo que tinha referências de filmes de ficção científica, memes da internet, música. Essa história tomou tamanha proporção, que eles deram personagens para mim e para os meus colegas, e isso acabou influenciando nas nossas dinâmicas também. No fim das contas eu acabei usando da personagem que eles me deram para ajudar eles no processo de criação de personagem desse universo que eles tinham criado nas aulas do Lucas, e o Guilherme usou dos personagens que criamos para fazer uma “preparação dos guerreiros” e trabalhar partitura e qualidades corporais. Foi esse movimento, que fomos organicamente organizando durante as reuniões, que nos fez seguir a linha da docência compartilhada. No início era apenas por uma questão de organizar de forma que todos pudessem ter essa experiência de independência nas propostas das aulas, e isso acabou sendo uma construção em grupo. Até na hora de propor os jogos para os discentes, só o fato dos outros estagiários também participarem já incentivava a turma a experimentar também.

O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica “faça o que eu mando e não o que eu faço”. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo. (FREIRE, 1996, p.35)

As aulas remotas *online* tinham uma certa rotina. Elas tinham essa estrutura que se organizava de uma forma diferente do que estar na sala de aula. Os motivos eram basicamente técnicos: não era possível falar ao mesmo tempo que outra pessoa, porque um dos microfones da chamada era mutado automaticamente; eram possíveis dois tipos de diálogos paralelos, sendo um por chat e outro por áudio; os jogos deveriam ser pensados majoritariamente para espaços pequenos, já que com cada um na sua casa a possibilidade de um espaço amplo era bem menor; caso a internet não estivesse boa, a comunicação era limitada; entre outros pequenos percalços técnicos. Por isso se criavam rotinas, como por exemplo, apertar o botão de “levantar a mão” na chamada, e criar uma lista de ordem de fala para não nos interrompermos. O que aconteceu é que, no oitavo encontro com a turma - os encontros ocorriam sempre nas quartas-feiras pela manhã -, eles teriam, no mesmo dia, só que no período da tarde, um primeiro encontro presencial. O CAP estava se organizando para voltar às aulas presenciais, mas tudo com muita calma e ainda com muitos protocolos. Porém, independente do formato, o fato importante é que a turma iria se encontrar! Muitos ali eram

alunos novos e nem a escola conheciam, então foi um momento de muita ansiedade e animação para todos. Enquanto os adultos lidavam com os seus medos por causa dos protocolos, além de suas inseguranças por ser um formato completamente novo por causa da pandemia (isso foi algo que eu vi em uma reunião dos professores de que participei, bem no dia que eles estavam organizando esse momento de transição do online para o presencial), os pré-adolescentes estavam preocupados com o encontro, que era sobre ver os amigos que nunca viram, passar uma boa impressão, ir com a roupa certa, arrumar a mochila...e tudo isso transpareceu nessa aula que foi algumas horas antes desse esperado momento.

OITAVA AULA COM A TURMA - 11/04/2021

Já vou começar afirmando que essa aula foi completamente diferente da última. Para entendermos tudo o que ocorreu nesse encontro, é necessário um pouco de contexto, então vamos para um breve parêntese:

Faz dois anos que os estudantes não se viam. Desde as aulas remotas emergenciais eles tem mantido a comunicação quase exclusivamente de forma online. Como comentada na reunião com os professores, a escola estava se preparando para voltar as aulas presenciais, e esse dia ia ser a primeira vez, depois do caos pandêmico, que eles iriam ver uns aos outros, e como bem sabemos, dois anos na vida de um pré-adolescente equivale a uma vida inteira. Com isso, nós já esperávamos que a aula fosse meio caótica, e foi exatamente o que aconteceu.

Começamos com um alongamento, e logo de início foi meio atípico. Vários dos discentes que normalmente mantinham as câmeras fechadas estavam com elas abertas nesse dia, e uma das discentes que normalmente participava com mais frequência, e que está sempre com a câmera aberta, estava com ela fechada. Apesar disso, o início foi tranquilo, com alongamentos e algumas risadas. Começamos relembando os movimentos da última aula, pedindo para que um deles demonstrasse partitura, e logo em seguida eles teriam alguns minutos para criarem dois movimentos a mais para essa partitura. A partir daí nós os perdemos. Eles não criaram movimentos, e quando pedíamos para que mostrassem, tudo virava brincadeira.

Foi claro que a ansiedade estava se sobressaindo naquele dia. Alguns deles nem conseguiram dormir pensando no encontro presencial, e honestamente, é um sentimento com o qual eu me identifico.

Foi provavelmente a aula mais difícil, porque, diferente de outros exercícios que não deram muito certo por causa do online, dessa vez nós não tínhamos como nos basear em algo ruim e dar a volta nisso. A verdade é que eles estavam certíssimos de estarem se sentindo ansiosos e demonstrando esse sentimento. Nós tentamos seguir o cronograma, mas olhando agora eu acho que teria sido mais proveitoso deixar com que eles aprendessem com o caos que eles estavam construindo naquela chamada. Até porque, de alguma forma, eles REALMENTE estavam se escutando.(VITORIA, 2021, p.18)

Eu sei que essa citação é maior do que o esperado para se ler nessas letras miúdas padrão para citações, mas essa parte da docência foi um momento clímax da minha experiência. Foi aqui que o presencial e o remoto conflitaram, que as atividades online foram colocadas à prova, que teríamos o resultado desses corpos cheios de hormônios que ficaram em casa esse tempo todo. Quando as turmas voltaram para o presencial é que soubemos se toda aquela

gambiarra para adaptar aulas de teatro, uma matéria tão presente para um ambiente tão etéreo como o *online*, realmente teve algum sentido. Eu já vou me adiantar e falar que depois desse momento, a turma foi outra. Bastou um encontro presencial e os encontros por *google meet* se tornaram uma terceira coisa: já não eram mais as aulas síncronas de antes, também não eram a mesma coisa que o presencial, mas era um encontro remoto com a possibilidade de um encontro presente. Enquanto o isolamento era a única opção, nós focamos a nossa energia em fazer o possível para continuar, mas ao mesmo tempo, estávamos passando por um momento de transição fortíssimo sobre o papel da escola.

O contrato entre a escola e a sociedade, estabelecido no final do século XIX, tem de ser revisto. A Covid-19 já o revogou. É preciso pensar o que designamos por capilaridade educativa, metáfora que procura traduzir uma distribuição da educação por diferentes espaços e tempos. Todavia, essa capilaridade deve assentar em duas bases: o comum e a convivialidade; melhor dizendo, a construção do comum e a construção da convivialidade. (NÓVOA; ALVIM, 2021, p.7)

Quando achávamos que tínhamos conseguido estabelecer uma rotina *online*, apesar de cansados, parecia que já havíamos nos adaptado o suficiente, e aí, veio uma “fase três”, que era esse momento entre cuidados flexibilizados. Nesse momento, todo aquele contrato social estabelecido organicamente durante esses dois anos, de não ligar a câmera, esperar a sua vez na fila de mãos levantadas para falar, utilização do chat e do microfone para assuntos paralelos da aula...a turma esqueceu, de uma semana para outra, que qualquer uma dessas coisas havia existido. Foram várias câmeras abertas, uns falando por cima dos outros, como se estivessem em sala de aula, uma energia muito forte dessa vontade de conviver, o que era um pouco mais velado nas outras aulas. Eu não estive nessas primeiras aulas presenciais, mas o William me contou um pouco de como foi: Os alunos que não acessavam o Moodle foram no retorno restrito. Que foram aqueles alunos que não estavam nas aulas, não falaram, que não retornaram as mensagens das muitas maneiras que a gente tentou fazer, falar, chamar e ligar para a família... nada. Eles voltaram para o retorno restrito, sim, eles voltaram. E nesse retorno, era tudo muito, uma coisa que parecia meio hospital, sabe? Era tudo muito, as salas tinham os grupos de tutoria, que eram de 7/8 estudantes, então no meu grupo retornaram cinco. Era eu e mais cinco estudantes numa sala, só com cinco cadeirinhas assim. Era uma escola silenciosa, porque eram só as turmas de Amora que estavam lá, só os estudantes que retornaram do Amora, que não foram todos. Sei lá, de um grupo de 30 estudantes de cada turma, vamos pensar que 25 voltaram. Então tinha 75 estudantes na escola toda. Naquele prédio todo tinha só 75 estudantes. Os momentos de lanche eram tudo com horário certo, daí

o professor acompanhava, nós ficamos juntos das turmas, claro, com afastamento, o distanciamento...mas estava tudo muito distante, mesmo. Os estudantes, a partir da segunda semana, já estavam achando mais legal, já via que eles estavam fazendo amigos, vamos dizer assim, querendo fazer amigos e aproveitar. Às vezes a gente até estendia um pouquinho o horário do intervalo, que era o momento que eles podiam interagir com a própria turma. Por exemplo: *O Amora IA tinha quatro grupos de tutoria no recreio juntos. Então a gente estendia um pouquinho o recreio, às vezes, para que eles pudessem conhecer a turma, porque senão eles não conheceriam somente os estudantes da tutoria, pessoalmente, né? Virtualmente já conheciam. Então, foram cinco encontros no ano passado, e no quinto encontro já tava para ver que eles pareciam mais escola. A gente já via as crianças andando mais livremente pelos corredores, aproveitando mesmo o recreio...Até porque tinham crianças que não conheciam a escola. Muitos alunos entraram no sexto ano na escola e nunca tinha ido ao Colégio Aplicação. Então era tudo, tudo, tudo novo. Não era só a máscara, não era só distanciamento, era tipo “eu não conheço lugar, eu não conheço essas pessoas”* (MOLINA, 2022, p.12 e 13)

Uma frase colocada pelo supervisor depois desse oitavo encontro caótico com a turma foi “Quando se tem a possibilidade do presencial, *online* perde o sentido”. Durante a pandemia se teve várias discussões do quanto a internet seria algo inevitável aos estudantes depois dessa experiência, ou que talvez a escola como espaço físico pudesse ser deixado de lado. Confesso que pelos artigos que venho lendo, a verdade é que aprendemos o REAL papel da escola, o que é algo que vínhamos nos questionando.

De modo caótico, dramático, a Covid-19 tornou inevitáveis essas perguntas, ao eliminar, em poucos dias, as fronteiras escolares erguidas nos dois últimos séculos. Estamos perante um choque inédito na história da educação. Por agora, prevalecem as ilusões, ilustradas, sobretudo, pela possibilidade de a escola ser substituída pela “casa” e pelas “tecnologias”. Citemos o jogo de palavras de François Dubet: “A escola na escola é melhor do que a escola em casa e do que a escola digital” (DUBET, 2020, p. 111). Primeiro, é preciso dizer que a “casa” é o contrário da “escola”. Em casa, estamos entre iguais; na escola, entre diferentes: e o que nos educa é a diferença. Em casa, estamos num ambiente privado; na escola, num ambiente público: e não pode haver educação, se alguma coisa comum não acontecer num espaço público (GREENE, 1982). Em casa, estamos num lugar que é nosso; na escola, num lugar que é de muitos: e ninguém se educa sem iniciar uma viagem juntamente com os outros. A grande vantagem da escola é ser diferente da casa. Por isso, é tão importante a colaboração entre a escola e as famílias, porque são realidades distintas e ganham, uma e outra, com essa complementaridade. (NÓVOA; ALVIM, 2021, p.6)

A convivência não é preciosa apenas para mim, que quero que eles tenham a experiência desse teatro que é a arte da presença, que tantos falam, mas custou muito caro para esses

pré-adolescentes não conviverem uns com os outros, e eles sentiram isso. Apesar do caos das duas últimas aulas, e do desinteresse que eles mostraram depois desse momento presencial, eu fiquei extremamente contente por eles. Eu mesma ainda não tinha voltado às minhas aulas presenciais na UFRGS, mas entender que essa geração, que foi tão criticada, tão ansiosamente julgada pelas gerações anteriores, que diziam ser a era das relações rasas, a era *TikTok*, vai levar a presença com muita mais preciosidade do que as gerações que banalizaram a liberdade por estarem acostumados com ela.

4 PÓS OU O AGORA

Aqui acabam as citações do meu estágio, e, apesar de ser um subcapítulo curto, acredito ser importante separar um momento para falar apenas do que vem se observando depois desse momento de transição. Não que ainda não esteja acontecendo uma transição, ou que as flexibilizações já tenham passado, mas já estamos em um outro lugar, um lugar que talvez eu possa chamar de “fase quatro”, fazendo referência ao que coloquei como “fase três” no subcapítulo anterior. Aqui, eu acho que ninguém melhor para contar como está sendo do que o William Molina, pelo fato dele ter acompanhado a mesma turma que eu estagiei durante o isolamento e durante as flexibilizações: *O que eu percebo muito, e acho que muitos colegas estão percebendo, como um todo, que são muitas crianças que parece que desaprenderam a se relacionar. Estão acontecendo muitos conflitos, na escola mesmo, e nessas turmas, assim, entre seus sétimos anos, brigas... não estão conseguindo resolver conflitos na conversa. O corpo, sobretudo, tá uma coisa... Eu achei estranho o fato de eles não terem muito domínio do corpo, sei lá... Eu fiz um jogo com bolinha: peguei o álcool gel, coloquei na bolinha, fiz todos eles passarem o álcool gel, “é a roda do álcool gel”, e fiz um jogo com bolinha. Muitos deles não conseguiram pegar a bolinha. Às vezes acontece, tem alunos que não conseguem, mas eles perderam essa motricidade, não sei. Parece que está dormindo ainda, parece que está adormecido. O próprio fato também é: isso acontece nas aulas as vezes, de umas vontades, de até um cansaço. É algum tempo e “Ah, sor. Já dá pra sentar?” Nas aulas de teatro é mais isso que eu percebo. (...) No caso, é quase como se tivesse voltado ao que era antes da pandemia, mas ainda tem algumas coisas que precisam ser ajustadas e alguns limites que a gente tá entendendo também quais são esses limites, no sentido do que pode e o que não pode fazer na escola nesse momento. Como vamos evitar que no recreio eles fiquem mais próximos? Aconteceu um caso em que a gente não tinha liberado que eles pudessem jogar futebol, não pudessem jogar bola, no recreio, pensando nisso, né: vão jogar, vão suar, sei lá, o jogo de corpo com muita proximidade, talvez se machucasse... E aconteceu que um dos estudantes se machucou no recreio, e aí a direção proibiu o jogo de futebol. Então uma das turmas de sétimo ano disse “ tá, perai, como assim proibir? Será que tem que proibir? Será que não tem como limitar? Tipo: dá pra jogar, desde que seja num grupo pequeno.”. Eles estão tentando negociar com a gente o que é que dá pra fazer, que também a gente tem que entender o que dá para fazer na escola nesse momento. (MOLINA, 2022, p.11 e 13)*

Numa conversa com a minha orientadora, ela tendo uma filha adolescente e tendo eu acompanhado esses pré-adolescentes, nós comentamos sobre as possíveis consequências dessas crianças não terem “adolescido” juntas. Elas não passaram à fase da vergonha, de todos mudarem juntos, passar pela fase dos hormônios e mudanças no corpo, de compartilhar as suas inseguranças...até pelo fato da comunicação delas ter sido através do *online*, que é um formato que mascara muito as coisas, através de filtros do *instagram*, figurinhas do *whatsapp*, entre outras máscaras que não podem ser usadas no “cara a cara”. Na fala de Molina aparece um pouco disso, essa dificuldade de resolver pequenos conflitos, talvez pequenas coisas virarem grandes estresses, mas justamente pelo fato deles não terem colocado os medos e anseios no mundo real ainda, só pela internet. Eu gostaria de ser otimista nessa parte e pensar que essas dificuldades podem ser matéria prima para aulas de teatro. As aulas de teatro acaba sendo um lugar propício para que eles possam encontrar espaço para trabalhar essas relações, colocar à prova os seus desconfortos, e realmente trabalhar esse adolescimento em grupo tardio, não que só o fato de estarem presentes na escola física já não seja estar trabalhando essas coisas, mas pensando que teatro não se faz sozinho, e que precisa aprender a ser muito democrático nas relações durante dinâmicas de jogo ou de criação de cena, acaba que essa aula em específico é um tempo reservado para isso, se relacionar com o outro.

5 ESCRITA COMO PROCESSO DE PESQUISA

Vou começar refletindo sobre algo que pode ter ficado meio atípico durante a escrita. Normalmente nós reservamos este espaço da conclusão para refletir o nosso processo de pesquisa durante o trabalho em questão, porém, eu assumi que a pesquisa deste trabalho não estava concluída a ponto de apenas transferi-la para o papel e defender o seu ponto de vista através de citações. A pesquisa foi a escrita. É por isso que durante os subcapítulos eu acabei adiantando o papel da conclusão, revisitando o que tinha sido posto e às vezes até mesmo me desdizendo. Resolvi assumir que a minha pesquisa não foi linear e nem conclusiva. Eu repassei pelas minhas vivências e *insights* pandêmicos várias vezes até colocar o que foi exposto aqui, e durante esse processo eu li opiniões diferentes, vi o que prevíamos não acontecer, perdi e recuperei a esperança incontáveis vezes, e terminei com mais “talvez” do que “é isso”. Foi exatamente o que eu me propus a fazer: um registro, não uma conclusão. Esse espaço serviu para ser revisitado no futuro e comparar as minhas experiências e deduções com o que vai realmente acontecer.

Pegando o panorama de tudo o que foi falado até agora, acredito que observar a caminhada de uma turma específica e em um período tão curto de tempo, a princípio, pareça muito pouco comparado ao que foi impacto do isolamento no Brasil. Claro que foi o possível para o formato deste trabalho, mas talvez só tenha me deixado mais curiosa em ampliar essa observação e entender como outras crianças passaram por esse período. Por hora, por mais breve que me pareça essa observação, acho que tem algo em comum que talvez eu me deparasse em qualquer pesquisa que fizesse uma observação desse período: mais do que nunca, o teatro se faz necessário. Eu falei sobre pré-adolescentes que perderam o convívio uns com os outros durante muitos tempo, de uma geração que passou por uma marco histórico da educação, e que acompanhou uma drástica mudança em como estávamos olhando a nossa forma de ser presente na sala de aula. Foi um momento no qual percebemos que a tecnologia não pode mais ser ignorada, e que a verdade é que ela nunca poderia ser, porque ela faz parte da nossa evolução. Viviane Mosé (2019) fala sobre estarmos passando por uma revolução da memória, e ela comenta que isso vai impactar diretamente a educação. Ela diz que a internet nos libertou da nossa própria memória, mas que nós não temos autonomia para lidar com isso, e ainda acrescenta que temos alunos que não deveriam mais ser ensinados através de conteúdos, porque eles têm acesso a todas as informações possíveis

na palma da mão, mas que eles precisam problematizar as questões através de projetos de pesquisa

Nós somos seres que passaram por algumas revoluções da memória. Esse momento final da sociedade em rede é marcado como uma revolução da memória. Nós temos algumas revoluções da memória. Isso marca diretamente a educação. Então, primeiro ponto: nós tivemos a dois milhões e meio de anos um cara que era parecido com o que somos hoje, mas o que nos identifica é 500 mil anos, o *Homo Sapiens*. O que caracteriza o *Homo Sapiens* é uma revolução da memória. Ele é *Sapiens* porque o volume cerebral aumentou muito, e a potência de armazenamento aumentou muito, mas nós somos *Sapiens Sapiens*, que é, 100 mil anos atrás, essa capacidade de memória produziu conteúdo. Então primeiro se tem capacidade de armazenamento, depois, digamos, de compartilhamento, ou de capacidade de lidar com isso. (...) Então o que me caracteriza? Eu sou um físico e uma memória, a minha consciência. (...) Somos seres virtuais por natureza. Quando nasce o humano? Com a virtualidade. (...) A nossa nova revolução da memória simplesmente conectou todas as pessoas que quiserem, ao mesmo tempo, agora, sem uma ordenação piramidal, sem um “pai” que decide. O que caracteriza a rede como estrutura/modelo? Ela é marcada por nós e conexões. Então você tem um ponto, e uma conexão entre pontos, e é só isso! (...) Nós aprendemos uma coisa nova, e nós não estamos sabendo usar.

(...) Nós temos novos alunos, nós temos novos professores, nós temos uma nova relação com os saberes, e estudar por projetos é a melhor maneira. Isso implica desenvolver no aluno sua autonomia e sua responsabilidade, e isso pode começar desde os seis/quatro anos de idade (MOSE, 2019)

Junto desse entendimento da dimensão das relações através da nuvem, também houve uma potencialização da presença. Talvez eu esteja equivocada e essa realidade se dê apenas dentro da minha bolha social, mas eu volto a citar o que Molina brilhantemente falou em um dos nossos encontros “Quando se tem a possibilidade do presencial, *online* perde o sentido” (MOLINA, 2021). Apesar das pesquisas, dos trabalhos desenvolvidos e da possível expansão de horizontes que o teatro pode ter tido, até mesmo no seu conceito como palavra, pensando no termo Teatro Online, pensando nesse período pandêmico, a presença é insubstituível. A energia cinética de um corpo encontrando a energia cinética de outro corpo no mesmo ambiente, ainda não pode ser substituída.

Não posso negar, como já citado anteriormente, que a minha experiência não reflete a realidade do Brasil, já que boa parte das crianças periféricas não conseguiram ter acesso à internet, muito menos a aparelhos, para acompanhar as aulas de forma *online*. Por outro lado, a democratização da tecnologia é algo que vem crescendo muito, e por mais que esses discentes não tenham esse acesso em casa, eles acabam entrando em contato com isso na própria escola, sendo a revolução da memória citada por Mosé algo muito presente e característico para essa geração de discentes, principalmente os que passaram pelo isolamento. Dito isso, eu entendi que parar de brigar com a tecnologia seria um caminho mais

rápido, já que ela é inevitável, e que para se trabalhar com a mesma, entendendo que como lecionamos não faz mais sentido, é preciso de autonomia. Com autonomia e democratização dos meios de comunicação, os atrasos na educação por causa da pandemia não teriam sido tão preocupantes.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que o professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca, e segundo, buscasse sem esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança pe o aborto deste ímpeto. (FREIRE, 2019, p.70 e 71)

Comentei que esse trabalho foi baseado em relatos, tanto meus quanto de outro professor, e que também foi escrito com muita sinceridade. Não que eu acredite na falta de honestidade de trabalhos acadêmicos, mas destaco especialmente a sinceridade deste. Friso isso porque falar sobre a pandemia é algo muito sensível. No momento em que escrevo esse texto acredito que o pior já tenha passado, mas apesar dos meus privilégios, não foi um momento fácil. Foram sonhos e esperança colocados à prova. Assim como muitos, eu também perdi pessoas próximas para essa doença, eu perdi a vontade de fazer teatro pela falta da presença, eu perdi a saúde mental e perdi a fé nas pessoas, mas tirando a morte, todas as outras coisas eu recuperei. Confesso que elas ainda não estão completas, mas a gente deu um jeito de seguir em frente. E é no meio desses grandes sentimentos que eu vivi o que foi relatado aqui. Por isso sou grata de ter chego até essas últimas linhas ainda colando os pedaços soltos que deixei pelo caminho, mas mais completa do que nunca. Deixo com muito orgulho esse singelo registro da minha caminhada e as minhas expectativas para o ensino de teatro no Brasil, e espero poder servir de inspiração para futuras pesquisas e licenciados, como foram aqueles citados aqui.

6 CONCLUSÃO

No departamento de arte dramática da UFRGS temos uma tradição das licenciaturas em teatro que é o que chamamos Painel da Licenciatura. Esse momento ocorre dentro da Mostra DAD, que é um evento que tradicionalmente apresenta os trabalhos de conclusão das ênfases em atuação e direção do curso de teatro. Até a apresentação da minha pesquisa no Painel eu não tinha ideia de como começar esse capítulo. Quanto mais eu escrevia o que eu achava ser a conclusão, mais subcapítulos eram adicionados a esse documento. Porém, o painel me trouxe algumas elucidações sobre o que foi proposto aqui, e com elas tento, mais uma vez, construir uma conclusão.

Comecei a me questionar sobre o que William Molina trouxe ao final da entrevista quando perguntei para ele sobre como a turma estava agora. Ele conta coisas como “eles perderam essa motricidade” e também “não estão conseguindo resolver conflitos na conversa”, o que já foi citado no último subcapítulo. Dessas duas coisas, o que me chama atenção é a questão deles não terem “adolescido” juntos nesses dois anos, pensando que estamos falando de pré-adolescentes, e isso pode ter causado algum efeito nessa volta às aulas presenciais. Olhando esse panorama, penso que o teatro é basicamente uma aula sobre autonomia, e que, nessa volta do presencial, onde essas relações parecem conflituosas, a autonomia é algo indispensável. Evidentemente depende de como que o professor coloca os exercícios em aula, mas o princípio dos jogos teatrais; do estar em cena; da conexão de grupo, é ter um problema a ser resolvido de forma criativa, ou seja, tendo várias respostas, sendo nenhuma delas a certa, mas todas possíveis. É preciso tomar decisões, ser generoso, definir começo, meio e fim, aprender a perder e jogar sem nunca poder ganhar, além de ser uma arte que não se pode fazer sozinho. Ele é um “prato cheio” para os princípios da pedagogia da autonomia, e, se for ensinado desde pequeno, pode servir para desenvolver crianças que saibam fazer escolhas no meio de uma infinidade de possibilidades, como num ambiente tão amplo, e muitas vezes hostil, que pode ser a internet. Não escrevi isso por achar o mundo *online* nosso inimigo, mas ele é uma “terra-de-ninguém” e as gerações até aqui foram criadas numa estrutura piramidal, por isso que quando se deparam com uma estrutura cheia de camadas, sem uma hierarquia, pode ser perigoso. Isso pensando apenas nos novos argumentos da importância do teatro em sala de aula, sem contar que ele vai ser essencial para exercitar

coordenações adormecidas durante o isolamento, colocar em conflitos as relações para que elas amadureçam, e disponibilizar para os discentes um espaço de criação humana, através do jogo e do grupo. Me anima reafirmar o que parece tão óbvio para nós, licenciandos em teatro, mas ainda tão distante da realidade das nossas escolas: o teatro é essencial e insubstituível. Ele ensina o que precisamos de mais urgente nos dias de hoje, que é autonomia e resiliência

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que o professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca, e segundo, buscasse sem esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança pe o aborto deste ímpeto. (FREIRE, 2019, p.70 e 71)

Por outro lado, durante a minha apresentação, a minha orientadora achou interessante colocar algumas datas, porque, segundo ela, quando eu conto sobre a pesquisa, desde a minha experiência até o momento de transição, parecem momentos super espaçados, sendo que, na verdade, o estágio foi do dia 02/08/21 ao dia 25/11/21 e a entrevistas foi dia 17/03/22. Assim, como durante a escrita do meu relatório, a escrita do meu trabalho de conclusão de curso me trouxe mais perguntas do que respostas. De início isso me deixava um pouco angustiada, mas venho aceitando que provavelmente essa é uma característica minha como pesquisadora. Coloco isso porque após analisar essas datas e voltar na minha pesquisa, eu tenho dúvidas se aquilo que vem sendo mostrado dos alunos (os conflitos, a falta de motricidade...) é algo que já pode ser analisado como residual do isolamento social, ou se esses questionamentos não são muito recentes. Não que isso invalide a pesquisa aqui colocada, até porque acredito que esse trabalho acaba ficando como um registro das suposições de uma licencianda que ainda está vivendo o que foi aqui relatado, caracterizando-se por divagações derivadas de relatos recolhidos para responder a uma pergunta motor e todas as outras que apareceram no caminho. Dessas divagações eu concluo que as certezas que eu posso tirar deste trabalho é que a convivência não é preciosa apenas para mim, que quero que discentes tenham a experiência desse teatro que é a arte da presença, que tantos falam, mas custou muito caro para esses pré-adolescentes não conviverem uns com os outros, e eles sentiram isso. Apesar do caos das duas últimas aulas do estágio, e do desinteresse que eles mostraram depois do momento presencial, eu fiquei extremamente contente por eles. Eu mesma ainda não tinha voltado às minhas aulas presenciais na UFRGS, mas entender que essa geração, que foi tão criticada, tão ansiosamente julgada pelas gerações

anteriores, que diziam ser essa a era das relações rasas, a era *TikTok*, vai levar a presença com muito mais preciosidade do que as gerações que banalizaram a liberdade por estarem acostumadas com ela.

7 REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CASAGRANDE, Cledes; JUNG, Hildegard Susana; FOSSATTI, Paulo (Org.). **Desafios e práticas docentes na contemporaneidade: as séries iniciais em foco. v. 1.** In: Hochnadel, Simone; Borges Conte, Elaine. **DOCÊNCIA COMPARTILHADA: POSSIBILIDADE DE INOVAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL?**. ed.1. Canoas. Editora Unilasalle, 2019. p.84 à 98. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11690/1162>. Acesso em: 03 mar. 2022.

Café Filosófico. **O contemporâneo e a educação** | Viviane Mosé. Youtube, 2019. https://www.youtube.com/watch?v=hyVBULSDimI&ab_channel=Caf%C3%A9Filos%C3%B3ficoCPFL

MOLINA, William Fernandes; SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Os Colégios de Aplicação no sistema educacional brasileiro: contexto de criação e reverberações no ensino de Teatro. **Urdimento**, Florianópolis, v. 2, n. 38, ago./set. 2020.

MOLINA, William Fernandes: depoimento. **Entrevista com William Fernandes Molina**. Entrevistadora: Lara Oliveira Vitoria. Porto Alegre: Zoom. 1 registro em vídeo pelo aplicativo do zoom. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso na UFRGS. [mar. 2022]

MOLINA, William Fernandes. **Docência e ensino de teatro no Colégio de Aplicação da UFRGS (1954-1996) Memórias emprestadas para uma narrativa sobre as bases de um projeto pedagógico**. Tese (Doutorado em Teatro) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. 472p. 2021.

MONTENEGRO, Fernanda, e Marta Góes. **Prólogo, ato, epílogo: memórias**. 1 ed., vol. 1, São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

NÓVOAL, António; ALVIM, Yara Cristina. **Os professores depois da pandemia**. Educ. Soc., Campinas, v. 42, e249236, p.1 à 16. 23 abr. 2021.

OLIVEIRA, Radígia; MENDES, Glauco Henrique; BORIOLO, Raquel. (2017). Gestão escolar democrática e qualidade de ensino: estudo de caso em uma escola municipal no interior de São Paulo. **Revista de gestão e avaliação educacional**, 1(1), 79–91. <https://doi.org/10.5902/2318133825367>

OLIVEIRA, João Ferreira de; MORAES, Karine Nunes de; DOURADO, Luiz Fernandes. **Gestão escolar democrática: definições, princípios e mecanismos de implementação**. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2014/NRE/5gestao_escolar_democratica_definicoes_principios_mecanismo_implementacao.pdf. Acesso em 14 abr. 2022.

PEIXOTO, Madalena. A quem interessa o fracasso da educação brasileira? **Carta Capital**, 2018. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/a-quem-interessa-o-fracasso-da-educacao-brasileira/?gclid=Cj0KCQiAoNWOBhCwARIsAAiHnEgWCwhCdf47HqWZbCzTXd4fKbETdxERwLFEnRAJKiBhkE6LauyqZVcaAuNLEALw_wcB. Acesso em: 14/03/2022.

PINTO, Daniel Bernardes. **Eugênio Barba em Brasília**. Youtube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jTwFK2m0wl8&t=1s>. Acesso em 17 mar. 2022.

POLO, Fernanda. UFRGS: entenda o processo que levou ao pedido de destituição do reitor Carlos Bulhões. **Humanista**, Porto Alegre, 6 set 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2021/09/06/ufrgs-entenda-o-processo-que-levou-ao-pedido-de-destituicao-do-reitor-carlos-bulhoes/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

S, Fernanda. Um ano de pandemia: impactos e consequências no aprendizado. **Jornal Opção**. 2021. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/um-ano-de-pandemia-impactos-e-consequencias>

-no-aprendizado-319267/#:~:text=Um%20dos%20motivos%20apontados%20para,15%25%20a%20desist%C3%Aancia%20dos%20alunos. Acesso em:14/03/2022

SILVEIRA, Julian. 'Anotações de aula'. **Aula Organização da Escola Básica**, UFRGS, Porto Alegre, 2022.

VITORIA, Lara. **Relatório Final de Estágio em Licenciatura**. Porto Alegre, DEC/FACED/UFRGS, 2021.

8 ANEXOS

8.1 Entrevista com William Fernandes Molina

17 de março de 2022

Lara Oliveira Vitoria
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Licenciatura em Teatro
Entrevista com William Fernandes Molina
Videochamada
Gravação em vídeo

Lara: Eu fiz uma lista de perguntas que eu enviei para a Sílvia, mas é mais um guia mesmo. A primeira coisa que eu queria que tu me contasses para a gente ter uma linha do tempo é quanto tempo tu dá aula no Aplicação?

William: Eu já tive uma experiência como professor substituto de 2014 à 2015, e voltei como efetivo no final de 2017. Propriamente, no início de 2018 que eu comecei as aulas como professor efetivo no Aplicação. Tanto na experiência como substituto, quanto agora, agora eu sou um professor da escola, mas atuo com as turmas de sexto e sétimo ano, que são o projeto Amora. Em 2014 e 2015 eu tive algumas experiências com o projeto Amora também. Essa é a minha história de quanto tempo no Aplicação. Então 2018, 2019, 2020, 2021. Quatro anos. To no quinto ano efetivo.

Lara: Então tu pegou ali antes da pandemia, né? Tu chegou a ter aula de teatro com eles.

William: Sim. Ali desde 2018 até a metade de 2019. Antes da pandemia, presenciais, sendo professor do projeto Amora.

Lara: E como funcionava o projeto Amora?

William: Na verdade o projeto Amora é um projeto que existe na escola desde 1996- aqui é mais uma contextualização de um projeto como um todo não das aulas de teatro - Então

desde 1996, ele surgiu na escola, que ainda era que no centro da UFRGS, quando os professores e as professoras pensaram numa estratégia de fazer essa adaptação das séries iniciais do ensino fundamental para séries finais do ensino fundamental. Antigamente era quinta série, atualmente o sexto ano, que é a série - não que eu saiba os dados específicos agora - que passa por essa adaptação de sair um professor de referência, que é polivalente e atua com vários currículos e matérias curriculares, para esse universo com 10 à 12 professores. Inicialmente, o projeto contava com uma professora articuladora em cada turma- pelo menos um professor, acho que 2 ainda não eram dois - e os trabalhos eram pensados e planejados de maneira interdisciplinar. Então o projeto Amora tem essa característica de propostas interdisciplinares e também de iniciação à pesquisa. Foi a primeira equipe de trabalho na escola, a equipe Amora, com o projeto Amora, que deu esse start nos projetos de pesquisa de investigação. As turmas dos estudantes faziam, às vezes, alguns trabalhos de ir a campo. A primeira situação que aconteceu a pesquisa foi bem na época da transição do colégio ali no centro, para o colégio no Campus do Vale. Essa turma do projeto Amora, que era uma quinta série, foi antes na escola no Vale para conhecer o campus, olhar e pensar em perguntas e curiosidades, pensar o que despertava a curiosidade deles em relação aquele espaço; aquele lugar; aquela nova escola. Essas perguntas foram transformadas em pesquisas pelos estudantes. Desde então, desde 1996/97, o início do projeto, o Amora tem esse alimento de atuação no que são projetos de pesquisa, com cargas horárias semanais bem consideráveis, cinco períodos, atualmente, de projeto de pesquisa e além dos demais períodos com os demais componentes curriculares. O teatro está desde sempre no Projeto Amora. Desde o início. O projeto foi pensado com a representação de todos os componentes curriculares, senão todos, pelo menos de todos os departamentos que compõem a escola, que são: Departamento de Expressão e Movimento; Departamento de Comunicação de Ciências Exatas e Ciências da Natureza. Então ele foi pensado por esses professores, com reuniões semanais, o que ainda acontece para planejar as atividades que serão executadas. Ele foi se modificando com o passar dos anos, até para conseguir se encaixar no que eu vou chamar de” logística de tempo da escola”. Antigamente os tempos eram mais fluidos, não eram períodos determinados, tipo 45 minutos 50 minutos não, eram tempos. Organizava-se esse tempo, tipo na semana anterior tipo ‘que projeto vai acontecer? Ah, vai acontecer um projeto de matemática, teatro e ciências, e vai ser na semana que vem assim...’. Então não tinha muita essa obrigatoriedade dos períodos, mas como a escola precisou para sua própria organização, e também para sincronizar tempos de recreio e de intervalo das outras turmas também, daí o projeto Amora teve que ir se moldando e atualmente tem períodos definidos tem horário de

recreio. Enfim, mas a situação agora, quando a gente começa a falar do pós-pandemia, não está assim. Tem outros horários também, mas são períodos. Teatro, no projeto Amora, tem um período e meio em cada turma. É cerca de 1h10min de aula de teatro para cada turma, para teatro, música e artes visuais. No projeto Amora as turmas são divididas em dois grupos, que ficam, mais ou menos, de 15 estudantes. Esses 15 estudantes têm 1h10min de aula de teatro por semana.

Lara: 1h10min por semana e eles dividem com outras áreas das Artes no caso?

William: São turmas divididas. Os componentes que trabalham com turmas divididas no projeto Amora são artes visuais, música, teatro, literatura e língua portuguesa. Então dá para fazer esses encaixes. Metade da turma tá na aula de teatro enquanto uma turma tá em artes visuais, a outra tem teatro e outra em música ou em português.

Lara: Então desde o projeto Amora eles já escolhem as áreas que eles querem ?

William: Eles não escolhem. No colégio Aplicação o teatro é oferecido desde o segundo ano do ensino fundamental de forma obrigatória para todos os estudantes até o 9º ano do Ensino Fundamental. A partir do ensino médio é que eles escolhem a linguagem que eles vão fazer. No ensino médio eles podem escolher entre teatro, dança, artes visuais ou música. Eles fazem essa escolha no início do ano letivo, mas só no ensino médio. No ensino fundamental as turmas têm aulas de teatro, artes visuais e ainda não têm dança.

Lara: E como funcionou o primeiro impacto da pandemia? Pelo o que entendi, os professores fazem reuniões semanais e tal. A UFRGS parou. A gente só foi estendendo as pausas até conseguimos voltar. Como funcionou no Aplicação? **William:** Pois é, nesse período da pandemia, foi o período de afastamento do meu doutorado. Eu assisti a distância e eu sei de relatos de colegas de como foi esse momento. No início de março, agora não sei dizer a data exata...

Lara: 14 de Março. **William:** ...Ali 14 de Março às aulas pararam, e daí a escola teve que se organizar. Havia essa perspectiva de que a pandemia seria um período curto, seria de um mês, um pouquinho mais, uns 40 dias, e depois tudo ia voltar ao normal, e isso foi sendo postergado. Aí na semana seguinte, o que eu sei de relatos de colegas, é que uma semana

depois, a escola fechou né, e a escola se organizou para enviar tarefas para os estudantes por email. Acho que tinha esse combinado, que era enviado por e-mail para os estudantes, as atividades dos componentes curriculares, e eles retornavam essas atividades por email também, o que gerou um certo excesso de emails nas caixas de correspondência. Não sei como acabou funcionando essa organização. Naquela época ainda não tinha acontecido nenhum projeto para conseguir 4 computadores ou celulares, o acesso à internet para os estudantes. Depois até a UFRGS um auxílio , né? Que daí o Colégio de Aplicação foi contemplado. O Colégio de Aplicação pode receber esse auxílio também, mas no começo, além dos e-mails, ele dava atividades. As atividades de teatro eram descritas mesmo. Essas atividades, enfim, que eram enviadas, era uma descrição. Era um texto explicando uma coisa ou explicando como fazer um jogo , às vezes algumas perguntas, propondo que os estudantes fizessem, realizasse, aquela atividade em casa, ou trazendo alguma referência, colocando ali algum link para assistir algum vídeo, para ter alguma espécie de “se não posso fazer o jogo ou uma cena, pelo menos poder assistir”. A escola começou a entregar também, para estudantes que não poderiam receber pela internet por e-mail, ir até escola, determinado dia e horário, para buscar as atividades.

Lara: O que eu fiquei sabendo é que, eu tenho uma amiga da família que trabalha como professora de inglês, e na época eu lembro dela pedindo uma rifa, né? Eu não lembro muito bem, mas era um movimento dos professores para conseguir celulares e aparelhos para alunos que não conseguissem ter acesso.

William: É, teve uma arrecadação. Quem encabeçou essa arrecadação foi a professora Clevi, que atualmente está aposentada. Ela era professora de cultura digital, e ela tem um projeto que lida com tecnologias. Daí ela que fez essa organização de arrecadação, tanto de equipamentos sem uso, no caso que não funcionava, sei lá, um teclado de computador que não funciona mais, mas ela tava arrecadando para fazer a venda dessas peças para lugares que comprassem essas peças, e com o dinheiro que estava sendo revertido dessa venda, ela poderia investir em equipamentos como computador, webcam, microfone...para fornecer aos estudantes que não tinham. Aí, a escola conta com um setor de serviço social, que consegue fazer esse mapeamento das famílias que tão precisando desse auxílio. Foi esse setor, junto da professora Clevi, e de outros profissionais da escola, que iam até as casas dos alunos do ensino regular e da EJA também, iam até a casa dos alunos para fazer a entrega dos equipamentos.

Lara: Então, de forma geral, os alunos conseguiram ter algum acesso a internet, aparelhos...

William: Sim, conseguiram ter algum acesso. Assim, como passar do ano, mais para o final do ano, depois talvez no segundo semestre já tivesse mais estudantes com algum acesso, mas a situação muda, mais mesmo no ano de 2021, quando se torna possível utilizar o moodle.

Lara: Então em 2020 foi esse processo de meio que vocês fizeram né? (se referindo aos emails)

William: Atividades em PDF encaminhadas - eu sei de relato de colegas né, eu não estava nesse momento -; atividades por e-mail; respostas por e-mail; retorno por e-mail...tudo a comunicação era por e-mail, e atividades impressas físicas na escola se as famílias quisessem ir lá buscar.

Lara: É, muitas escolas utilizaram esse método de e-mail em 2020 Vocês conseguiram também esse movimentos de distribuir os aparelhos e acessar o moodle, né? Aí as aulas começaram a ser naquele formato que eu conheci (referindo ao meu estágio em 2021)

William: Isso. Daí tu conheceu o formato das aulas do projeto Amora, porque no CAP são diferentes equipes de trabalho e cada equipe de trabalho definiu a sistemática de como iam acontecer as aulas ao longo do ano. O projeto Amora foi a única equipe que manteve as aulas semanais. No Projeto Pixel (8ºs e 9º anos do EF), os encontros aconteciam de 15 em 15 dias, e eles tinham aula síncrona de terça à quinta. Se não me engano, três vezes na semana. No Amora tinha de segunda a sexta aulas de forma síncrona, pensando até, os colegas da escola se preocupavam com isso, de uma carga muito grande de momento síncrono, mas a gente começou tentando fazer esse teste com as famílias e com as turmas para ver, e acabou dando muito certo, mas pensando muito nas características do grupo que a gente trabalha, do sexto ano; nessa fase de transição; nessa adaptação ao novo currículo com mais professores; mais matérias...se nós não conseguíssemos manter esse horário semanal, até para organizar rotina dos estudantes, talvez complicasse a vida dos próprios estudantes nos próximos anos assim. Também veio uma demanda das famílias, porque as famílias gostariam de ter esses horários semanais, então, depois que isso começou - porque no início do ano não foi assim, no início do ano teve todo um trabalho de preparação de nós professores. A gente não sabia usar o

Moodle. A gente nunca tinha mexido com o moodle. Não é algo amplamente divulgado entre os professores. Até existem cursos de capacitação, mas nunca chamou tanta atenção. A única experiência que eu tive com o Moodle, pelo menos, foi na faculdade, para pegar os textos. Não tinha interação no moodle. Nós tivemos que usar o Moodle para fazer a interação com os estudantes, no começo na verdade, a gente começou com uma semana com aula assíncrona e outra semana aula síncrona com Google Meet, com câmeras, disponibilizando para ligar câmeras, e na outra semana momento síncrono, sem meet, como se fosse plantão de dúvidas no chat. Era uma atividade que a gente colocava no moodle, e se o estudante tivesse dúvidas, 6 naquele horário ali, ele poderia já perguntar para o professor, que o professor responderia no chat pelo próprio Moodle, mas com o passar dos dias, das semana, a gente vendo que estava funcionando a ideia do encontro síncronos e a resposta da família estava sendo legal, os alunos são conseguindo se organizar, - não todos, né? Não foram todos que acessaram e conseguiram manter essa frequência. Teve estudantes que, sei lá, ficou meses sem acessar o Moodle e chegou no final para tentar fazer alguma coisa para não ser reprovado. Assim, as atividades podiam ser feitas a qualquer momento.

Lara: E como que foi - eu tô puxando a brasa para o meu lado agora - como foi essa tua primeira experiência com as aulas de teatro online? Pensando em educação física, por exemplo, nestas aulas, vamos dizer assim, mais práticas. Como foi a tua primeira experiência assim, com eles?

William: Sim, acho que antes de falar da primeira experiência eu vou falar dos grupos de professores de teatro do CAP, que são seis professoras, cinco professoras e eu, que a gente viu “Poxa. vamos começar a dar aula online, com câmera...como é que se faz isso?”. A gente saiu em busca de colegas na área que já estavam atuando desse modo desde 2020, porque não só as escolas, mas tudo parou, então alguns profissionais, algumas profissionais, seguiram e conseguiram até se ajustar ao formato remoto de aulas antes da gente. A gente, no caso, os colegas, eu tava terminando o doutorado. Eram laudas, era uma lauda, uma página de atividades escrita por semana na área, e era isso. Essa era a aula de teatro. Era adaptar para um texto; convidar para fazer alguma proposta; algum registro e depois mandar por email, mas não acontecia nada de forma síncrona, não tinha essa possibilidade. Então antes de começarem as aulas (síncronas), a gente - eu acho que quem fez contato foi a Mônica - a gente entrou em contato com Pequenices1 , projeto Pequenices, que é da Fernanda Boff, se eu não me engano, a Guadalupe Casal também, e tem outros dois professores/educadores

(Gabriel Martins e Ana Carolina). Esse projeto já tava acontecendo de forma online e eles estavam oferecendo formações para professores que quisessem entender um pouco mais esse universo de dar aula remotamente, e a gente fez uma oficina com o Pequenices, uma oficina de dois dias, foi num final de semana, se eu não me engano, um sábado e domingo, a gente fez dois turnos 1 “Desenvolvido desde 2016, a partir do Prêmio FUNARTE de Dança Klauss Vianna, o projeto “Pequenices” dedica-se a pensar o protagonismo das crianças em processos artísticos e pedagógicos. No início, explorando exclusivamente a área da dança, pôde construir sua pequena estrutura para, logo em seguida, se aventurar pelas áreas do circo, do teatro e da cultura popular brasileira.” NOSSA HISTÓRIA. Pequenices: arte e educação. Disponível em: <https://www.pequenices.com/sobre>. Acesso em: 24/03/2022. 7 completos...foram três dias, eu acho, duas taradinhas e uma manhã. Nessa oficina elas compartilharam com a gente alguns jogos, algumas atividades que elas estavam fazendo nos cursos- é uma escola privada. Então, munido dessa experiência prática, foi importante ter essa experiência prática de eu fazer a aula; olhando para o computador e a câmera; recebendo as instruções; experimentando essas adaptações; os jogos...elas trouxeram muito isso: jogos ou brincadeiras, como elas poderiam ser adaptadas para esse formato remoto. E foi com esse pensamento que eu comecei as aulas: como que os jogos podem ser adaptados. O primeiro dia de aula, vou tentar retomar a experiência do primeiro dia de aula, teve uma organização física do espaço, porque eu moro num JK, pequeno, então eu tive que arredar sofá; tira as coisas de trás, foi bem aqui, exatamente aqui (onde ele está na chamada de vídeo). Eu até mudei a configuração da minha mesa de trabalho. Se eu ligasse a câmera antes, ia mostrar minha cama, e disse “Não. Não vou mostrar a minha cama para os alunos. Vou mostrar uma parede.”. Aí tive que arrumar o espaço. O planejamento de aula foi para que fosse sim uma aula prática, para mexer o corpo; para levantar da cadeira, isso é uma coisa que nós pensamos muito, nós professoras de teatro e a equipe Amora, educação física; teatro; enfim, tanto que organizamos horários de forma que a educação física acontecia terça-feira e teatro acontecia na quinta-feira, para que os estudantes tivessem dois momentos na semana intercalados para mexer o corpo, para se mexer. Então a aula foi, e junto foi o meu retorno, a estar junto, professor com os estudantes. Então foram dois momentos muito loucos, vou chamar de loucos porque não sei a outra expressão utilizar, de retomar as aulas e de volta ao trabalho “presencial”, só que remoto, e nesse formato. Eu estava muito empolgado, me preparei, enfim, mas tem uma coisa que online permite, depois até no teu próprio estágio é possível perceber, que permite a utilização de recursos tecnológicos, que se fosse na sala de aula não seria muito possível, talvez. Conseguir preparar uma música, tinha uma caixinha de som aqui,

na escola depende se o som estaria funcionando... enfim, aqui a tecnologia ficou um pouco na mão. A UFRGS não deu nenhum equipamento para gente, né. A gente teve que se virar com o equipamento que temos. Inclusive eu tive que investir em outro computador, porque o meu já não estava dando conta, mas esse primeiro momento foi assim, pensando que a gente tinha 45 minutos de aula síncrona, eu planejei uma aula de 45 minutos em que a gente começava se apresentando um pouquinho, mas depois eu já conduzia um alongamento, um acordar o corpo, música, levanta...como se fosse na aula presencial só que, enfim, mesma logística, mesma sequência de preparar o corpo para atividade. Nessa primeira aula, eu lembro de ter feito o jogo que foi o elefante colorido, que depois eles amaram para todo o resto do ano, que foi um jogo que a gente experimentou na oficina do Pequenices, que funciona muito em casa, porque tem uma possibilidade enorme de objetos; elementos; cores e coisas que tem em casa, e voltando ao presencial eu penso “Bah, o elefante colorido não é mais aquele elefante colorido do remoto, que dava para pedir qualquer coisa. Se for fazer um elefante colorido agora, ele vai ser de outro jeito” até “Como era o elefante colorido antes de ser visto pela câmera? Pelo Google meet?”

Lara: E como era a participação deles, Will? Tu falou que eles gostaram bastante do jogo, mas outra dificuldade que eu vi, assim, dos professores que eu tenho próximos, foi não ligar a câmera, não responder...enfim, esse tipo de coisas. Como foi a participação deles nas aulas?

William: É, as turmas no remoto eram turmas inteiras. Não teve essa divisão de grupos de 15 em 15. No Amora não aconteceu isso. Depois fiquei me perguntando, mas para encaixar nos horários na rotina semanal de estudos...também fiquei pensando que talvez as aulas tivessem salas menores, talvez ele se sentisse mais vontade, mas não sei, não tem como saber, mas eram para ser 30 estudantes nas aulas síncronas. Normalmente, apareceu uns 20, 19, 22 era um grupo considerável, um número grande de estudantes que participavam de forma síncrona. Claro que tinham atividades assíncronas, que tinham que ser feitas no Moodle para a aula não se resumir só no encontro síncrono.- Só retomando a pergunta...a participação, né? Pensando nas aulas de teatro, acho talvez que esse primeiro momento com o jogo, com a brincadeira, quando eles perceberam que era possível jogar e brincar, aqui, na câmera, nas aulas de teatro, acho que eles se sentiram mais à vontade. Não tinha depois, com o passar do tempo, existe até uma tutoria, um grupo de estudantes, que eu ficava mais próximo, conversava com eles semanalmente também, todos os professores tinham um grupo de tutoria, a gente conversava: como tava indo às aulas, se estavam conseguindo fazer as

atividades...e eu lembro deles relatarem que às vezes eles não participavam por vergonha de responder alguma coisa e não saber se tá certo “ah não sei se tá certo daí não ligo minha camera, daí não abro meu microfone, daí não falo”. Acho que o teatro distingue das outras aulas porque ele não tem uma resposta certa, né? É participar vamos ver o que rola aí. “Vamos tentar fazer de outro jeito”, isso já talvez libera um pouco mais participação. Não tinha dos 20 e poucos que participavam, tinha, sei lá, 7 que ligavam a câmera, talvez 8...nas brincadeiras, que era só mostrar a coisa do elefante colorido, eles mostravam, mostrava um objeto, mas de falar, de fazer depois alguma improvisação com fala, daí ele já não se colocavam tanto a participação. No chat rolava até. 9

Lara: é que ou tu participa ou tu não participa...não é uma resposta. Se tu quiser brincar, vai ter que ligar a câmera.

William: É, não tem como. Aí, claro, tinha isso também, de pensar: não são todos os estudantes que têm câmera no seu dispositivo. Aí como é que participa? Como é que faz a adaptação? Daí chama esse estudante para conduzir a brincadeira e essa que vai ser a participação. Ele que vai dizer “Elefante Colorido”, definir qual é a cor que vai ser trazida... trazendo esse exemplo do elefante colorido...mas de pensar nisso também. Não sei se consegui contemplar todos os estudantes, de conseguir adaptar muito bem as propostas e, no tempo dos 45 minutos, consegui organizar tudo. O remoto, fazendo esse paralelo remoto/presencial, o remoto tem uma coisa que os grupos foram entendendo, que aqui no meet tem a mãozinha, pode levantar a mãozinha, daí aparece uma ordem ali, as pessoas podem visualizar a ordem dos colegas que vão falar...e muitas vezes, eles conseguiram entender que “vamos respeitar aquela ordem das mãozinhas que estão ali.”. No presencial é levantar a mão e sair falando, ou levantar a mão e “Sor, eu tô com a mão levantada e o senhor não me viu” e eu “Sim gente,, eu não sei”. No meet eu sabia a ordem exata das mãos. Então tinha essa outra organização que as turmas foram entendendo, e essa participação, que às vezes podia rolar com isso de levantar a mão, outras formas de participar que não se mostrar, que não falar “liga a câmera, desliga a câmera, levanta a mão, abaixa a mão...”

Lara: E das coisas que tu fazia e falou que o remoto facilitou, essas coisas da tecnologia, de estamos mais próximos...o que foi difícil? Se foi levantada da cadeira, foram exercícios...? Eu lembro que a sala (referindo-me ao meu estágio online) era difícil de colocar eles para falar, mas os jogos demonstraram que eram mais fáceis. O que foi mais difícil?

William: Tu quer que eu fale especificamente com grupo que tu trabalhou?

Lara: Pode trazer outros exemplos, não tem problema.

William: Tá, porque foram experiências diferentes, no próprio projeto Amora, entre sexto e sétimo ano. No sexto ano acontecia uma participação bem maior, um engajamento, envolvimento, abrir câmeras, conversar, falar...dava para entender mais o grupo como uma turma que participava. Parecia a mesma uma turma de oficina, que se jogava nas propostas, ainda que fossem quatro pessoas na turma que tivessem, que se colocassem para fazer 10 improvisações - por exemplo, na turma A eu acho que era assim, era uma turma muito falante, muito participativa, mas acho que vocês vivenciaram também isso, né? No momento de improvisação, uns quatro ou cinco que se colocavam, e os demais assistiam, mas tá, tinha essa ideia de apreciação dos colegas, que rolava. Já na outra turma, eles participavam bastante, e teve uma pegada bem mais tecnológica, no sentido de conseguir exibir vídeos, de fazer um trabalho com construção de paisagem sonora, que talvez, se fosse na escola, não teria isso à disposição, né? Dependeria de caixas, de projeção, de tela, de equipamentos, de computadores, de organizar isso antes de chegar na sala, de saber se está disponível para uso na escola...Então, aqui no meet, eu compartilhava a minha tela, todo mundo tinha coisa de: se tá ouvindo bem, se fosse alguma coisa com algum som, se fosse uma ideia para brincar como som, era bem mais fácil com os fones de ouvido. Essa turma participou bastante também. Dificuldades...eu não sei se tinha dificuldade de se colocar...mas eu vou falar das dificuldades trazendo exemplos de outra turma, que foi mais difícil de fazer essa conexão. Era uma turma de adolescentes, quase adolescentes, pré-adolescentes, mais adolescentes entre as fases de transformação corporais...não sei, que era uma turma que tinha, sei lá, cinco gurias na turma e muitos guris. Acho que três guris ligavam a câmera todas as aulas e o resto era só chat, só chat mesmo. Era só escritas no chat. Às vezes, o chat acabava se transformando numa conversa de amigos, sabe? Então o chat era tipo chat do WhatsApp. E como controlar isso? Falava “Gente, nós estamos sem aula, e os assuntos devem ser relacionados àquilo que nós estamos conversando”. Então, nesse grupo, eles demonstravam um pouco mais de dificuldade. Eu também não consegui acessar. Não tinha esse acesso. Não conseguia vê-los. Quando eu propunha alguma atividade que era de levantar da cadeira, fazer alguma coisa, não tinha essa resposta. Para mim foi difícil não ter resposta. Então eu acabei

adaptando as aulas para questões mais de apreciação, momentos de conversa mesmo, sobre algum tema, do que “mostra aí para gente”.

Lara: Desculpa fazer esse pulo, mas aqui tá quase no teu horário. Assim, como é que foi, eu não sei se tu pegou, agora também tu deve ter continuado com a mesma turma que eu estagiei.

William: Isso, estou no sétimo ano.

Lara: Então tu pegou a transição deles. O que tu acha, baseado nas suas experiências antes, o que tu acha que esses adolescentes são diferentes agora, que eles passaram pelos online? Alguma coisa que tu fale “eu nunca tive uma turma de teatro que fizesse isso” por causa do online. 11

William: Vou trazer exemplos de outros colegas, mas com a minha percepção. O que eu percebo muito, e acho que muitos colegas estão percebendo, como um todo, que são muitas crianças que parece que desaprenderam a se relacionar. Estão acontecendo muitos conflitos, na escola mesmo, e nessas turmas, assim, entre seus sétimos anos, brigas... não estão conseguindo resolver conflitos na conversa. O corpo, sobretudo, tá uma coisa... Eu achei estranho o fato de eles não terem muito domínio do corpo, sei lá... Eu fiz um jogo com bolinha: peguei o álcool gel, coloquei na bolinha, fiz todos eles passaram o álcool gel, “é a roda do álcool gel”, e fiz um jogo com bolinha. Muitos deles não conseguiram pegar a bolinha. Às vezes acontece, tem alunos que não conseguem, mas eles perderam essa motricidade, não sei. Parece que está dormindo ainda, parece que está adormecido. O próprio fato também é: isso acontece nas aulas as vezes, de umas vontades, de até um cansaço. É algum tempo e “Ah, sor. Já dá pra sentar?” Nas aulas de teatro é mais isso que eu percebo.

Lara: E o relacionamento deles, que tu falou também.

William: É, esse relacionamento interpessoal. Eles adoram estar juntos. Dá para ver que eles estão muito felizes de poder conversar e tudo mais, mas acho que nessa questão de resolver conflitos cotidianos, sabe? Que é uma coisa que eles estão... Já parte para briga ou também qualquer, não estou querendo menosprezar os sentimentos, mas também tem casos de alguém falar um pouco mais forte e isso já deixa a pessoa muito mal. Assim, de “Ah, ela gritou

comigo" essa noção, que era o dia-a-dia do recreio, da brincadeira, do jogo... Ainda tá cada um no seu quadradinho, sabe?

Lara: Sim, eu entendo. Uma coisa que eu coloquei no meu TCC, é que parece que eles não “adolesceram” juntos. Isso foi muito ruim para eles, né? Até a questão do bullying online, que eu e o Luno (Lucas Pires) colocamos. Eu vou voltar um pouquinho, que foi uma coisa muito interessante de quando eu tava no estágio, a transição deles: como que foi? Porque uma coisa que eu notei é que, quando eles tiveram aulas presenciais e depois eles tiveram uma das últimas aulas de teatro online, o online já não fazia mais sentido nenhum. Eles não conseguiam esperar a sua vez para falar, mas aí o meet muta uns microfones. Então parece que eles estavam no presencial, só que eles não estavam, e isso dificultou muito a aula. Como foi essa transição, assim, bem esse momento de 12 transição daquela primeira semana, onde os professores ainda estavam testando e ainda tinha muito medo sobre o presencial.

William: Sobre a experiência, vocês tiveram aula exatamente no dia que eles iam voltar. O retorno não aconteceu por componentes curriculares, então, no retorno, eles não tiveram aula de teatro e nem de nenhuma outra matéria. O retorno foi em pequenos grupos de tutoria, e a ideia era conversar, receber, saber como eles estavam, ver o andamento das atividades, se tivesse alguma coisa que eles não tivessem feito, ajudar a fazer...

Lara: E os alunos que não estão presentes no online apareceram?

William: Ah, que não participavam? Ah sim, muitos estudantes eu não conhecia. Eu fui descobrir quem era no encontro presencial, que passaram um ano e eu nunca tinha visto.

Lara: mas aqueles alunos que nunca estavam, mudou, por exemplo?

William: Sim. Os alunos que não acessavam o Moodle foram no retorno restrito. Que foram aqueles alunos que não estavam nas aulas, não falaram, que não retornaram as mensagens das muitas maneiras que a gente tentou fazer, falar, chamar e ligar para a família... nada. Eles voltaram para o retorno restrito, sim, eles voltaram. E nesse retorno, era tudo muito, uma coisa que parecia meio hospital, sabe? Era tudo muito, as salas tinham os grupos de tutoria, que eram de 7/8 estudantes, então no meu grupo retornaram cinco. Era eu e mais cinco estudantes numa sala, só com cinco cadeirinhas assim. Era uma escola silenciosa, porque

eram só as turmas de Amora que estavam lá, só os estudantes que retornaram do Amora, que não foram todos. Sei lá, de um grupo de 30 estudantes de cada turma, vamos pensar que 25 voltaram. Então tinha 75 estudantes na escola toda. Naquele prédio todo tinha só 75 estudantes. Os momentos de lanche eram tudo com horário certo, daí o professor acompanhava, nós ficamos juntos das turmas, claro, com afastamento, o distanciamento...mas estava tudo muito distante, mesmo. Os estudantes, a partir da segunda semana, já estavam achando mais legal, já via que eles estavam fazendo amigos, vamos dizer assim, querendo fazer amigos e aproveitar. Às vezes a gente até estendia um pouquinho o horário do intervalo, que era o momento que eles podiam interagir com a própria turma. Por exemplo: O Amora IA tinha quatro grupos de tutoria no recreio juntos. Então a gente estendia um pouquinho o recreio, às vezes, para que eles pudessem conhecer a turma, porque senão eles não conheceriam somente os estudantes da tutoria, 13 pessoalmente, né? Virtualmente já conheciam. Então, foram cinco encontros no ano passado, e no quinto encontro já dava para ver que eles pareciam mais escola. A gente já via as crianças andando mais livremente pelos corredores, aproveitando mesmo o recreio...Até porque tinham crianças que não conheciam a escola. Muitos alunos entraram no sexto ano na escola e nunca tinha ido ao Colégio Aplicação. Então era tudo, tudo, tudo novo. Não era só a máscara, não era só distanciamento, era tipo “eu não conheço lugar, eu não conheço essas pessoas”.

Lara: e agora já tá mais normalizado, né? Eles já fazem mais atividades e têm os horários mais normais do que antes, no caso.

William: Isso. No caso, é quase como se tivesse voltado ao que era antes da pandemia, mas ainda tem algumas coisas que precisam ser ajustadas e alguns limites que a gente tá entendendo também quais são esses limites, no sentido do que pode e o que não pode fazer na escola nesse momento. Como vamos evitar que no recreio eles fiquem mais próximos? Aconteceu um caso em que a gente não tinha liberado que eles pudessem jogar futebol, não pudessem jogar bola, no recreio, pensando nisso, né: vão jogar, vão suar, sei lá, o jogo de corpo com muita proximidade, talvez se machucasse...E aconteceu que um dos estudantes se machucou no recreio, e aí a direção proibiu o jogo de futebol. Então uma das turmas de sétimo ano disse “ tá, peraí, como assim proibir? Será que tem que proibir? Será que não tem como limitar? Tipo: dá pra jogar, desde que seja num grupo pequeno.”. Eles estão tentando negociar com a gente o que é que dá pra fazer, que também a gente tem que entender o que dá para fazer na escola nesse momento.

8.2 Gráficos

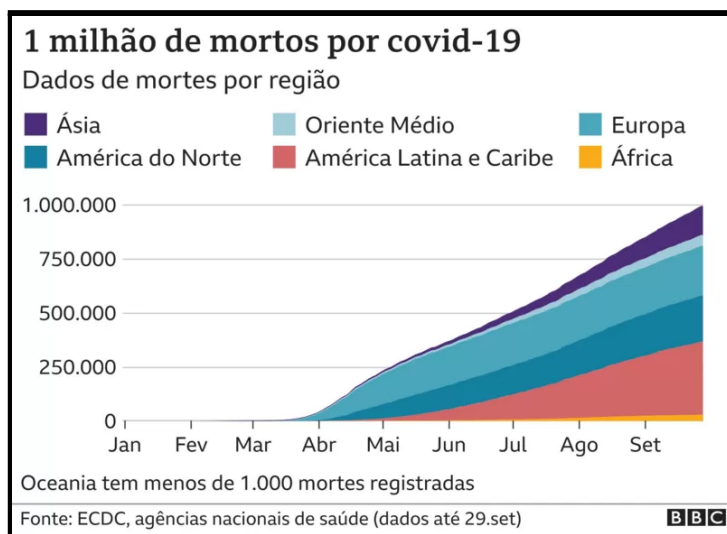


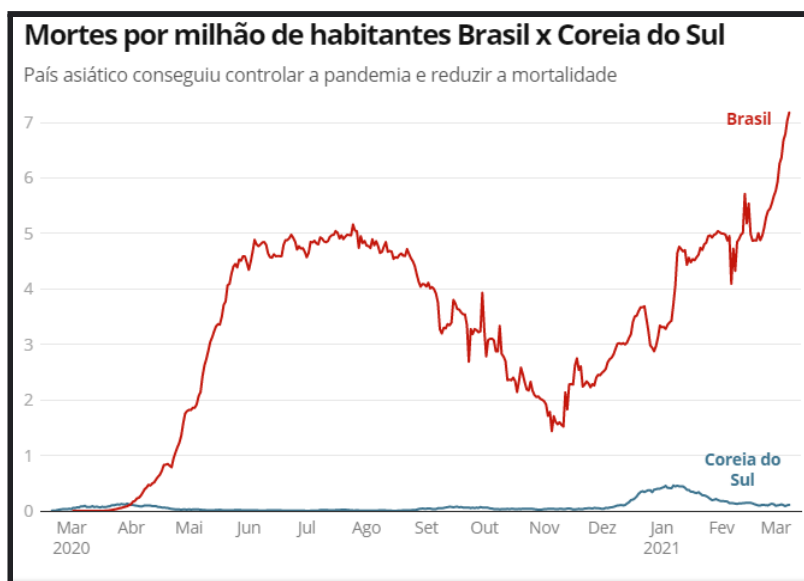
Figura 1 - Gráfico 1 milhão de mortos por covid- 19

Fonte: ECDC, agências nacionais de saúde 2020

Origem: BBC News

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54339632>

Figura 2 - Gráfico comparação mortes por covid entre Coreia e Brasil



Fonte: Consórcio de veículos de imprensa e ourworldindata.org 2021

Origem: Site g1 Globo¹⁵

¹⁵ Gráfico comparação mortes por covid entre Coréia e Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/11/1-ano-de-pandemia-graficos-mostram-o-que-funcionou-no-combate-a-covid-e-quais-os-caminhos-para-o-brasil.ghtml>. Acesso em: 15/03/2022